

Imagem (re)velada: sobre uma fotografia desconhecida da “Missa Campal 17 de maio 1888” no acervo do Musée Louis-Philippe, Castelo d’Eu

Image revealed: on an unknown photograph of the “Open-Air Mass, 17 May 1888” in the collection of the Musée Louis-Philippe, Château d’Eu

DOI: 10.20396/rhac.v6il.20541

CARLOS LIMA JUNIOR

Docente da Pós-Graduação em Museologia, Cultura e Educação da PUC-SP

 0000-0002-6684-8579

Resumo

O presente artigo busca discutir a trajetória da fotografia “Missa Campal 17 de Maio 1888”, de autoria de Antonio de Barros Araújo, que está preservada no Musée Louis-Philippe, situado na cidade de Eu, ao norte da Normandia, França. Pretende-se compreender como essa fotografia, que flagra a celebração religiosa realizada poucos dias depois da assinatura da lei que deu cabo na escravidão no Brasil, ficou acervada nesse museu francês, e de que modo está atrelada à construção visual da memória da Abolição no imediato pós-13 de maio de 1888.

Palavras-chave: Fotografia-Brasil-Século XIX. Museu. Pós-Abolição. Imagem fotográfica. Circulação.

Abstract

This article seeks to analyse the trajectory of the photograph “Open-Air Mass, 17 May 1888”, by Antonio de Barros Araújo, which is preserved in the Musée Louis-Philippe in the commune of Eu in Normandy. It intends to understand how this photograph, which captures the religious celebration that was held mere days after the signing of the law that ended slavery in Brazil, came to be in this French museum, and how it is connected with the visual construction of the memory of abolition in the immediate aftermath of 13 May 1888.

Keywords: Nineteenth-century Brazilian photography. Museum. Post-abolition. Photographic image. Circulation.

Uma fotografia em seus muitos tempos (¹) (²)

As fotos são, é claro, artefatos. Mas seu apelo reside em também parecerem, num mundo atulhado de relíquias fotográficas, ter o status de objetos encontrados — lascas fortuitas do mundo.³

Poderia evocar o paradoxo de toda questão do conhecimento: quanto mais se descobre um fragmento do mundo, mais evidente nos parece a imensidão do desconhecido e de nossa ignorância.⁴

O Musée Louis-Philippe do castelo d'Eu, situado na pequena cidade de Eu, ao norte da Normandia (França), preserva em seu acervo um documento visual de valor incontestável para a história do Brasil.⁵ Trata-se de uma fotografia [Figura 1], de 11,5 x 49 centímetros, inserida em uma moldura já bastante desbotada pela ação do tempo. Diante da foto, impressiona o excesso de informações que ela contém: o número elevado de pessoas flagradas, ali reunidas, e a quantidade não menos significativa de antigos veículos puxados por tração animal. Se a imagem, por ela mesma, pode gerar dúvidas ao observador/a desavisado/a sobre qual seria o evento retratado, o quadro no qual a fotografia está emoldurada, por sua vez, é repleto de inscrições que de imediato desvendam autoria, tema, datação e a quem se destinava. Desse modo, no canto inferior direito, em letras estilizadas, consta o nome de “Antonio de Barros Araújo”, identificado, de maneira abreviada, como “Phot. Amador”, fotógrafo amador. No topo, esclarece-se o destinatário da fotografia: “A Sua Alteza A Princesa Imperial”. E, por fim, na base e centralizado, somos informados sobre o assunto da imagem a partir dos dizeres: “Missa Campal 17 de Maio 1888”.

¹ Uma versão bastante reduzida deste texto foi publicada em *La Lettre aux Amis du Musée Louis-Philippe du Château d'Eu*, a convite de seu editor, François Terrade, pelo qual pude discutir a importância dessa fotografia referente à memória da Abolição no Brasil para a comunidade local da cidade de Eu (Normandia, França), onde o museu que a preserva está situado. Vide: LIMA JUNIOR, Carlos. Une photo inédite de l'Abolition de l'Esclavage au Brésil dans la collection du Musée Louis-Philippe. **La Lettre aux Amis du Musée Louis-Philippe du Château d'Eu**, n. 35, Automne-hiver, p. 28-30, 2024.

² Este artigo é um dos resultados de minha pesquisa de pós-doutorado financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo [FAPESP, processo: 21/09614-8], realizada no departamento de História - IFCH-UNICAMP, com supervisão da Profa. Dra. Iara Lis Franco Schiavinatto, e que contou com um período de estágio no exterior [BEPE FAPESP, processo: 22/16121-0] junto à École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris), sob supervisão da Profa. Dra. Mônica Raisia Schpun. Agradeço as duas professoras por todo o incentivo durante o período de pós-doc (2022-2024) e à FAPESP pela bolsa concedida, fundamental para a investigação nos arquivos do Brasil e da França.

³ SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 84.

⁴ SARR, Mohamed Mbougar. **A mais recôndita memória dos homens**. Tradução de Diogo Cardoso. São Paulo: Fósforo, 2023, p. 15

⁵ Agradeço a disposição sempre generosa de Alban Duparc, Elise Marie, Francine Mury e Franck Demouchy, em todas as ocasiões que estive no Musée Louis-Philippe para realizar minhas pesquisas no acervo da instituição.

**Figura 1:**

Antonio de Barros Araújo. **A Sua Alteza a Princesa Imperial. Missa Campal 17 de Maio 1888.**
 Fotografia, 42, 5 x 79 cm (com moldura); 11,5 x 49 cm (sem moldura).
 Musée Louis-Philippe, Le Château d'Eu, Normandia, França.

Todos esses dados levam-nos à constatação de que estamos diante de um dos raros registros fotográficos até então localizados, referentes às celebrações pelo fim da escravidão no Brasil, logo após a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888.⁶ A foto em questão refere-se à missa em ação de graças pelo feito da Abolição no campo de São Cristóvão, região não muito distante de onde se localizava o palácio que servia de residência para o imperador d. Pedro II, na até então Corte do Rio de Janeiro. De acordo com os jornais da época, como a *Gazeta de Notícias*, estima-se que até 30 mil pessoas⁷ afluíram à praça d. Pedro I — situada no bairro de São Cristóvão —, entre eles “o ministerio, o corpo diplomatico, a officialidade de corpo de terra e mar, a 1^o e 2^o brigadas da guarnição da corte, os aspirantes da marinha, o

⁶ Na ocasião da assinatura da Lei Áurea, a princesa Isabel estava no posto, pela terceira vez, de Regente do Império, uma vez que seu pai, d. Pedro II, encontrava-se na Europa. Para a sua trajetória, vide, entre outros: BARMAN, Roderick J. **Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX.** Bauru: Unesp, 2003; CERQUEIRA, Bruno da Silva Antunes de; ARGON, Maria de Fátima Moraes. **Alegrias e Tristezas: estudos sobre a autobiografia de D. Isabel do Brasil.** Rio de Janeiro: Linotipo Digital, 2019; DAIBERT JUNIOR, Robert. **Princesa Isabel: catolicismo e abolicionismo no projeto de terceiro reinado.** Curitiba: Appris, 2023. Vale recordar que o Brasil, vergonhosamente, foi o último país do Ocidente a acabar com a escravidão mercantil, que perdurou por mais de 300 anos.

⁷ O número de público presente na missa diverge, com alguns jornais estimando 15 mil pessoas, como fez o republicano *O Paiz*, e outros, como a *Gazeta de Notícias*, de até 30 mil. Vide: MORAES, Renata Figueiredo. **As festas da abolição no Rio de Janeiro (1888-1908).** Rio de Janeiro: FGV/FAPERJ, 2023, p. 63; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 67-68.

batalhão naval, a Escola de Medicina, o corpo de bombeiros, escolas municipais”,⁸ além de personagens ligados à imprensa, literatos, membros do clero e vinculados às irmandades religiosas. Conforme ainda os registros, um altar foi especialmente erguido para o ato solene e, próximo a ele, construíram uma tribuna (coberta por dossel e cortinas), reservada para a princesa Isabel, o conde d’Eu, ministros e altos dignitários do Império.

A fotografia, hoje musealizada na instituição francesa, pertenceu, no passado, à coleção privada da princesa Isabel, antiga moradora do castelo d’Eu, situado em Eu, ao norte da Normandia. Este texto tem por objetivo compreender a silenciosa história dessa fotografia que, apesar de retratar um evento relevante, dadas as inúmeras circunstâncias de sua trajetória, tornou-se invisibilizada por mais de cento e trinta anos. Busca-se compreender, portanto, as motivações de sua produção por parte do igualmente desconhecido Antonio de Barros Araújo, além de indagar de que maneira tal fotografia, endereçada por ele à princesa Isabel, tomava parte de certa memória visual da Abolição, já em disputa no imediato pós-13 de maio de 1888. A partir de indícios⁹ reunidos em arquivos do Brasil e da França, intencionou-se seguir os rastros deixados sobre essa esquecida imagem, na compreensão dos “vazios e silêncios”¹⁰ que a cercam.

Desse modo, se “a circulação é a razão de ser das imagens”,¹¹ a fotografia em questão permaneceu adormecida na reserva técnica do Musée Louis-Philippe, em um circuito social bastante restrito, o que impactou o seu desconhecimento logo após a sua produção e posterior musealização.¹² Como adverte a historiadora da arte Chantal Georgel: “toda obra exposta penetra de facto, simplesmente por estar visível, no domínio do conhecimento, do saber, da reflexão”.¹³ Reclusa, primeiramente, na coleção da família imperial e, depois, na reserva técnica do Musée Louis-Philippe, que já serviu de morada para a princesa e seus descendentes, a fotografia foi caindo no esquecimento, tornando-se desconhecida tanto pelo público francês quanto brasileiro.

O ocaso do Império, em fins de 1889, certamente foi um ponto de inflexão na trajetória social da fotografia de Barros Araújo. Como veremos, é bem provável que ela tenha sido despachada para a França

⁸ GAZETA da Tarde, Rio de Janeiro, n. 112, quinta-feira, 17 de maio de 1888, p. 2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/226688/8470em>. Acesso em: 4 abr. 2025.

⁹ GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

¹⁰ SILVA, Francislei Lima da; REIS, Raquel de Fátima. Brancas vestes, cândidas almas: a fotografia mortuária e o cortejo de uma viagem no interior de Minas Gerais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31, 2021. **Anais do 31º Simpósio...** Rio de Janeiro: ANPUH-Brasil, 2021, p. 2. Disponível em: https://mail.anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2024-08/1723096800_79docf21207e7ef79a6b5ca605dbca6c.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

¹¹ SAINT-RAYMOND, Léa (org.). **La circulation des images en Europe**. Le Kremlin-Bicêtre: Éditions mare & martin, 2023.

¹² Cf. LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY; Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013.

¹³ GEORDEL, Chantal. O colecionador e o museu: ou como mudar a história da arte. In: **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. III, n. 6, mar.-abr. 2015, p. 278.

do exílio, junto de tantos outros pertences de d. Pedro II e de seus descendentes que restavam no Brasil.¹⁴ Na Europa, os objetos restituídos do Rio de Janeiro, fruto da intensa seleção e disputa entre os representantes legais da família imperial e os representantes da jovem República, no que tange à definição do que seria propriedade do imperador e da nação, formavam uma coleção perfilada pela memória nostálgica da monarquia, integrada por reminiscências do regime decaído.¹⁵

Essa coleção passaria, por sua vez, por outros momentos de *descoleção*,¹⁶ quando fragmentada entre os herdeiros da princesa Isabel, já no século XX. A história da fotografia da *Missa Campal 17 de Maio 1888* se situa, justamente, nas sucessivas dispersões dessa coleção formada no exílio, ora no retorno de parte dela ao Brasil na década de 1940, ora na permanência de outra parte na França entre os herdeiros, e ainda nos exemplares que ficaram no acervo do Musée Louis-Philippe, criado em 1973 e dedicado à memória desse último rei dos franceses, no mesmo castelo que serviu de morada aos Orléans e Bragança até 1951.¹⁷

A vida social dessa obra comporta, assim, uma série de percalços que impactou no (des)conhecimento de sua existência enquanto imagem-objeto¹⁸ sobre o fim da escravidão no Brasil, por mais de um século. De acordo com Elizabeth Edwards e Janice Hart: “as fotografias são ao mesmo tempo imagens e objetos físicos que existem no tempo e no espaço e, portanto, na experiência social”.¹⁹ Diante da problemática da invisibilização dessa imagem que transitou do Brasil para a França, estamos mais uma vez de acordo com Edwards e Hart quando afirmam que “pensar na materialidade da fotografia abrange processos de intenção, criação, distribuição, consumo, uso, descarte e reciclagem [...] todos os quais impactam a maneira como as fotografias, enquanto imagens, são compreendidas”.²⁰

¹⁴ Uma das primeiras medidas do governo republicano provisório, logo após a Proclamação da República, foi o exílio, seguido de banimento da família imperial (Decreto no 78-A, de 21 de dezembro de 1889). O ato só seria revogado em 1920, às vésperas do Centenário da Independência (Decreto no 4.120, 3 de setembro de 1920). Vide: FAGUNDES, Luciana Pessanha. **Do exílio ao panteão**: D. Pedro II e seu reinado sob olhares republicanos. Curitiba: Editora Prismas, 2018.

¹⁵ Discuti com bastante vagar sobre o assunto em: LIMA JUNIOR, Carlos. Evocações do Império na morada do exílio: percalços de uma coleção brasileira no Castelo d'Eu. **Anuário do Museu Imperial**, v. 3, 2022a. Disponível em: https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2023/06/Anuario-2022-com_OCR.pdf. Acesso em: 6 abr. 2025.

¹⁶ Tomo aqui emprestado o termo de Mário Chagas desenvolvido a partir das formulações de Nestor Canclini. Vide: CHAGAS, Mário de Souza. **A imaginação museal**: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

¹⁷ Trataremos da história do castelo d'Eu e do Musée Louis-Philippe nas páginas seguintes.

¹⁸ Para um balanço sobre as intersecções entre fotografia e cultura material, vide: CARAFFA, Costanza. *Photographic Itineraries in Time and Space*. In: PASTERNAK, Gil (ed.). **The Handbook of Photography Studies**. New York: Bloomsbury Academic, 2020, p. 117-135.

¹⁹ EDWARDS, Elizabeth; HART, Janice (org.). **Photographs objects histories: on the materiality of images**. London and New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2004, p. 1. No original: “Photographs are both images and physical objects that exist in time and space and thus in social and cultural experience”.

²⁰ EDWARDS, HART, *op. cit.*, 2004, p. 1. No original: “[...] thinking materiality about photography encompasses processes of intention, making, distributing, consuming, using, discarding and recycling [...] all of which impact on the way photographs as images are understood”.

Podemos afirmar ainda, à maneira de Hans Belting, que foi o nosso olhar do presente²¹ (e o conhecimento histórico prévio adquirido, bem como a intimidade com as imagens da Abolição²²) que “animou” novamente aquela fotografia identificada na reserva técnica do museu francês.²³ Vale, portanto, ater-nos para as observações de Ana Maria Mauad, para quem “a complexidade das questões que envolvem o tratamento das fotografias como parte da pesquisa histórica as remete à própria ideia de que as fotografias não são em si, mas se tornam. Não são evidências em si mesmas, mas tornam-se evidências de algo a partir do nosso olhar intrigante”.²⁴ É hora de mirarmos a fotografia de Antonio de Barros Araújo e lançarmos sobre ela as inúmeras indagações sobre a sua (silenciosa) sobrevivência até os dias atuais.

Antonio de Barros Araújo e os outros ângulos da Abolição

Até o momento, a única menção localizada sobre a fotografia em questão foi divulgada no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, datada de 14 junho de 1888, e traz as seguintes informações:

O Sr. Antonio de Barros Araujo, photographo amator, veio mostrar-nos uma excellente photographia que tirou da missa campal, celebrada na praça D. Pedro I, no começo dos festejos da Imprensa Fluminense. O quadro, ricamente emoldurado em *pelluche* de duas côres, e com dedicatória em letras douradas, vai ser offerecido a Sua Alteza Imperial Regente.²⁵

²¹ BELTING, Hans. *Antropología de la imagen*. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.

²² No primeiro capítulo de minha tese de doutorado, discuti a construção visual da princesa Isabel atrelada à Abolição. Vide: LIMA JUNIOR, Carlos. *Marianne à brasileira: imagens republicanas e os dilemas do passado imperial*. 2020. Tese (Doutorado em Estética e História da Arte) – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Por ocasião da pesquisa de doutorado, consultei os arquivos do Musée Louis-Philippe ainda em janeiro de 2020, como parte das atividades da Bolsa de Pesquisa no Exterior pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (BEPE FAPESP 19/12196-3).

²³ MAUAD, Ana Maria. O passado em imagens: artes visuais e história pública. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História pública no Brasil*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. Recordo aqui as palavras da escritora Ana Maria Gonçalves, para quem “precisamos ter um pouco de conhecimento sobre o que ‘descobrimos’ para que o feliz momento de serendipidade [‘situação em que descobrimos ou encontramos alguma coisa enquanto estávamos procurando outra, mas para a qual já tínhamos que estar, digamos, preparados’] não passe por nós sem que sequer o notemos”. Cf.: GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Record: Rio de Janeiro, 2022, p. 13.

²⁴ MAUAD, Ana Maria. Isso não é uma janela: uma fotografia e sua história. In: SCHIAVINATTO, Iara Lis; MENESES, Patrícia D. (org.). *A imagem como experimento: debates contemporâneos sobre o olhar*. Vitória: Editora Milfontes, 2020, p. 18.

²⁵ Vide: GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 165. quarta-feira, 14 de junho de 1888, p. 1. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 4 abr. 2025. Destaques no original. Na transcrição dos documentos, optou-se por manter a grafia original de época.

Conforme a apresentação do articulista, Antonio de Barros Araújo era um “fotógrafo amador”.²⁶ Como bem esclarece Adriana Martins Pereira, o termo era motivo de debate entre os praticantes do ato fotográfico no século XIX:

[...] entre o amador e o profissional não existiam dicotomias rígidas (ao menos antes da ‘democratização kodakeana da fotografia’). A diferença principal não estava na competência da técnica, nem no domínio de conhecimentos padrões estéticos, mas nos *usos* das imagens. Isso porque para o amador a fotografia não é mercadoria, ele não vive disso. As trocas ocorriam na circulação familiar, entre amigos.²⁷

Longe da ideia de amadorismo, o fotógrafo amador dominava todo o aparato funcional de produção da imagem. Eles dispunham de laboratório próprio, além de equipamentos modernos, e acompanhavam os avanços na área por meio de periódicos especializados que surgiam na Europa e EUA, principalmente, a partir da década de 1880.²⁸ Desse modo, é possível aferir como Barros Araújo, ao participar de todo processo, fabricou com empenho aquela imagem fotográfica a partir do domínio das técnicas e ferramentas para a sua execução, inclusive atentando-se para a idealização do suporte que serviria para projetar a fotografia ao olhar do observador,²⁹ feita em “pelluche de duas cores”.

A partir da pesquisa realizada na imprensa da época, o nome de “Antonio de Barros Araújo” estava, de fato, muito mais vinculado ao ramo do comércio do que ao do ateliê fotográfico. No *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ)*, ano de 1885 (edição A00042), na seção “Armarinhos e objectos de Modas, de Phantasias e Perfumarias”, ele é identificado como um dos sócios de Barbosa Freitas & C., na rua do Ouvidor, 74, A.³⁰ Seu estabelecimento encontrava-se, portanto, a poucos

²⁶ O fotógrafo não aparece indicado nos dicionários de profissionais atuantes no Brasil do século XIX, como em: KOSSOY, Boris. **Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro**: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil. São Paulo: IMS, 2002. Também não consta na publicação on-line do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF: MAUAD, Ana Maria; SERRANO, Ana; CASTRO, Clarissa C. M. M. de; TURAZZI, Maria Inez; LOUZADA, Silvana. **Dicionário Histórico-Biográfico da fotografia e dos fotógrafos no Brasil**. Niterói: PPGH-UFF, 2015.

²⁷ PEREIRA, Adriana Maria Martins. **A cultura amadora na virada do século XIX**: a fotografia de Alberto de Sampaio (Petrópolis/Rio de Janeiro 1888-1914). Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH USP, 2010, p. 246-247. Itálicos da própria autora.

²⁸ Vide: PEREIRA, Adriana Maria Martins. Imagem e memória: o Morro do Castelo visto por um fotógrafo amador. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005. **Anais do XXIII Simpósio...** Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simpósios/pdf/2019-01/1548206373_940e3139208af365de89910585fb6300.pdf. Acesso em: 17 fev. 2025. Vide ainda: MENEZES, Lucas Mendes. **Entre apertadores de botão e aficionados**: prática fotográfica amadora em Belo Horizonte (1951-1966). Dissertação (Mestrado em História) – Niterói: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2013.

²⁹ EDWARDS, HART, *op. cit.*, 2004, p. 2.

³⁰ ALMANAK Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ), ano 1885, n. A42, p. 413-414. No **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro para 1892**. Obra Estatística e de Consulta Fundada em 1844 por Edouard von Laemmert reformada e reorganizada por Arthur Sauer. Continuada e redigida pela Companhia Typographica do Brazil. 49º Anno. Capital Federal (Rio de Janeiro): Companhia Typographica do Brazil, 1893, p. 883, seu nome aparece listado na seção dedicada aos artigos de “Modas. Vestidos de confecção, e fazendas sujeitas á moda: Barros, Araujo & C., r. Ouvidor, 84. sócios: Antonio de Barros Araujo, r. Ouvidor, 84; Adolpho Teixeira Barroso, r. Ouvidor, 84, Commanditario. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/313394/3427>. Acesso em: 4 abr. 2025.

números de distância do escritório da Gazeta de Notícias, situada no número 70 da mesma rua do Ouvidor, folha para a qual Barros Araújo apresentou a sua “excellente photographia”, posteriormente ofertada à princesa Isabel. Principal centro comercial da Corte, a rua do Ouvidor sediava prestigiados folhetins do Rio de Janeiro, além de cafés e livrarias, e concentrava o comércio de artigos de requinte, importados da Europa.³¹

A vinculação do comerciante e fotógrafo amador à causa da Abolição aparece registrada na imprensa carioca antes mesmo da realização da fotografia em 1888. A Gazeta da Tarde anunciava, por exemplo, que entre aqueles ofertantes para a quermesse organizada pela Confederação Abolicionista, realizada em março de 1884, constava como doação “pelo Sr. Antonio de Barros Araujo, uma saleira de madeira, em forma de globo geográfico”.³² A quermesse ocorreu um ano depois da fundação da Confederação Abolicionista, na própria sede do jornal Gazeta da Tarde,³³ e que aglutinava sociedades do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Sul residentes na Corte. Em sua organização, constavam figuras de destaque do movimento abolicionista, como Antônio Rebouças, José do Patrocínio e João Clapp — este último eleito presidente, além de Joaquim Nabuco que, ao lado de Patrocínio, redigiu o manifesto da Confederação.³⁴ Vale observar que, entre as doações para a “kermesse”, constava ainda uma “esplendida mala para viagem”, cujo doador era José de Seixas Magalhães, que fez questão de inscrever o seu nome em uma chapa de prata colocada sobre a peça doada em homenagem à Confederação Abolicionista. Seixas Magalhães, comerciante português e afamado fabricante de malas na rua do Ouvidor, era líder do quilombo do Leblon — conhecido pelo seu cultivo de camélias —, núcleo de resistência à escravidão ao auxiliar a fuga e acolhida de escravizados, localizado no Rio de Janeiro. Esse quilombo contava com o apoio dos principais abolicionistas do Império, e como bem identifica Eduardo Silva, “muitos deles membros proeminentes da Confederação Abolicionista”.³⁵ A presença de Seixas, ao

³¹ MELLO, Maria Tereza Chaves de. A democratização pela rua. Rua do Ouvidor: a ampliação do discurso. In: **A República Consentida**: cultura democrática e científica do final do Império. Rio de Janeiro: Editora FGV/Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2007, p. 55-62.

³² GAZETA da Tarde, Rio de Janeiro, n. 86, sábado, 22 mar. 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/313394x/58825>. Acesso em: 4 abr. 2025.

³³ Idealizado pelo advogado e jornalista José Ferreira de Menezes no Rio de Janeiro em 1880, o jornal *Gazeta da Tarde*, no qual teve intensa atuação de José do Patrocínio, foi um importante veículo no combate à escravidão. Vide: PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Fortes laços em linhas rotas**: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX. Tese (Doutorado em História) – IFCH, Unicamp, Campinas, 2014.

³⁴ ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas**: o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888). São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 203. Conforme ainda a autora, havia variedade social na conformação da Confederação Abolicionista, “expressa na adesão de uma associação de tipógrafos, outra de empregados do comércio e até de ex-escravos”. *Ibidem*.

³⁵ Sobre o assunto, vide: SILVA, Eduardo. **As camélias do Leblon e a abolição da escravatura**: uma investigação de história cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Para a relação de Seixas Magalhães com a princesa Isabel, vide ainda: CALMON, Pedro. **A Princesa Isabel “A Redentora”**. São Paulo: Nacional, 1941.

lado de outros comerciantes participantes enquanto doadores da quermesse,³⁶ permite melhor situar a figura de Barros Araújo enquanto homem de negócios e fotógrafo amador nos movimentos em torno do fim da escravidão, o que teria impulsionado a realização da fotografia em maio de 1888.

No preparo do equipamento e do posicionamento para captar o ângulo de sua escolha, encontra-se “o resultado de um ato de investimento de sentido”³⁷ por parte de Barros Araújo. Nesse sentido, o fotógrafo amador buscava se vincular à festa a partir da fotografia por ele esmeradamente produzida e dirigida, como homenagem, à princesa Isabel. E nessa empreitada ele não estava só: outros fotógrafos, tais como Antonio Luiz Ferreira, Augusto Elias e A. Breton, fizeram registros das celebrações da Abolição e, igualmente, endereçaram as fotografias para a filha de d. Pedro II, levadas por ela para o exílio na França.³⁸ Como observa Lilia Schwarcz, “por conta da popularidade do ato, muitos — até mesmo aqueles que bem pouco antes eram contra sua assinatura — tentaram deixar seu nome ou imagem ao lado da Lei Áurea”.³⁹

A escolha pela Gazeta de Notícias para veicular a notícia da produção da fotografia e de sua posterior entrega à princesa regente não era obra do acaso. Para além de sua popularidade — vendida por preços mais baixos que as demais por um período —, a folha foi uma das primeiras a acolher os textos de José do Patrocínio pela causa Abolição. Contava ainda, entre os seus redatores, com o escritor Machado de Assis, com a coluna “Bons Dias!”, pela qual publicou a crônica “19 de maio de 1888”, bastante crítica sobre a manutenção da exploração e da prática da violência cotidiana entre os ex-senhores e os libertos no imediato pós-abolição.⁴⁰

³⁶ Os proprietários e/ou estabelecimentos listados enquanto doadores estavam: “casa L. P. de Castro Brito & C.”; “farmaceutico José Alves Sardinha”; “Srs. Madeira Barros & Cardoso”; “Sr. Manoel da Costa Sampaio”; “professores e alumnos do collegio Menezes Vieira, por intermedio de uma comissão composta dos Srs. Carlos Barreto, Fructuoso Cunha, Agenor Alvim e Marinho da Silva”. GAZETA da Tarde, Rio de Janeiro, sábado, n. 86, 22 mar. 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/313394x/58825>. Acesso em: 4 abr. 2025.

³⁷ MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes**: ensaios sobre história e fotografia. Niterói: UFF, 2008, p. 31.

³⁸ Essas fotografias, identificadas por Pedro e Bia Corrêa do Lago, faziam parte da coleção nomeada como “Princesa Isabel”, herdada pela sua neta, d. Thereza Maria de Orléans e Bragança, uma das filhas do príncipe do Grão-Pará. Para a reprodução dessas fotografias, vide: LAGO, Pedro Corrêa do; LAGO, Bia Corrêa do. **Coleção Princesa Isabel**: fotografia do século XIX. 2ª edição. Rio de Janeiro: Capivara, 2013. A respeito da fotografia de Antonio Luiz Ferreira, trataremos mais adiante.

³⁹ SCHWARCZ, *op. cit.*, 2017, p. 69.

⁴⁰ Para uma análise mais aprofundada, vide, entre outros: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Machado de Assis afrodescendente**: escritos de caramujo. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálidas, 2007. O escritor Machado de Assis participou da celebração religiosa, cf. CARVALHO, José Murilo de. Machado de Assis vai à missa. **Biblioteca Nacional – Notícias**, 29 maio 2015. Disponível em <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/05/machado-assis-vai-missa>. Acesso em: 15 fev. 2025. Foi na mesma folha da *Gazeta de Notícias*, em 14 de maio de 1893, cinco anos depois da assinatura da Lei, que Machado de Assis publicaria o seu texto pelo qual recordaria: “Houve sol, e grande sol, n’aquele domingo de 1888, em que o senado votou a lei, que a regente sancionou, e todos saímos á rua. Sim, também eu sahia á rua, eu o mais encolhido dos caramujos, também eu entrei no préstito, em carruagem aberta (...). Verdadeiramente, foi o unico dia de delirio publico que lembro ter visto”. GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 133, domingo, 14 maio 1893, p. 1. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=8233. Acesso em: 10 fev. 2025.

A Gazeta de Notícias esteve, ainda, diretamente envolvida nos eventos festivos organizados pela associação Imprensa Fluminense, e tinha entre os seus líderes o próprio Ferreira de Araújo, proprietário da Gazeta.⁴¹ Tal associação seria a responsável pelas festividades em torno da Abolição, entre elas a Missa Campal, celebrada no dia 17 de maio de 1888, à qual a fotografia de Barros Araújo se refere diretamente.⁴² A cerimônia religiosa católica, realizada em uma quinta-feira, às 9 horas da manhã, abriria a programação dos festejos que se estenderiam até o domingo, dia 20, com a grande queima de fogos em vários pontos da cidade.⁴³ A princesa Isabel foi convidada para prestigiar os festejos por uma comissão da própria Imprensa Fluminense, liderada por Ferreira de Araújo (*Gazeta de Notícias*) e Fernando Mendes (*Diário de Notícias*).⁴⁴ Assim ela seria anunciada por essa folha:

[...] missa campal, em altar expressamente elevado para esse fim, de construção simples e modesta. A missa, celebrada pelo Exm. e Revm. Sr. capellão-mór do exercito, assistirão os diversos corpos do exercito e armada d'esta côrte, o ministerio, a Ilma. camara municipal, a imprensa, associações e povo sendo offerecida em acção de graças pela passagem da lei de 13 de maio. A comissão central, representada por dous de seus membros, vai a Petrópolis dirigir a S. A. Imperial Regente o convite para que, com seu augusto esposo e filhos, venha assistir a essa solenidade.⁴⁵

Desse modo, nota-se como a veiculação da oferta da fotografia para a princesa estava inserida na promoção das festividades em torno da Abolição, para a qual a Gazeta de Notícias e seu redator desempenhavam papel fundamental,⁴⁶ e à qual Barros Araújo desejava igualmente concorrer a partir da sua atuação enquanto “fotógrafo amador”, com base na produção de uma das imagens que perenizasse o início das festividades, marcadas pela aproximação entre a esfera política e religiosa e com a presença

⁴¹ O jornal de Ferreira de Araújo foi um dos primeiros a divulgar a propaganda abolicionista, apesar de também ter publicado anúncios de escravizados fugitivos. Cf. MORAES, *op. cit.*, 2023.

⁴² Vale recordar que a “Imprensa Fluminense” a qual a nota se referia foi uma associação composta pelos principais jornais da Corte — entre eles, *Jornal do Commercio*, *Cidade do Rio*, *Diário de Notícias*, *Revista Illustrada*, *Época*, *Gazeta da Tarde*, *Novidade e Apóstolo*. Cf. VIDIPÓ, George. A Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro e os momentos decisivos (1888-1889). In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 17, 2026. *Anais do XVII Encontro...* Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2016, p. 5. Disponível em: https://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1464447611_ARQUIVO_GazetadeNoticiasemomentosdecisivos-GeorgeVidipo-Anphu-rio2016.pdf. Acesso em: 14 fev. 2025.

⁴³ Para uma discussão pormenorizada sobre as festividades no Rio de Janeiro por ocasião da assinatura da Lei Áurea, vide: MORAES, *op. cit.*, 2023.

⁴⁴ VIDIPÓ, *op. cit.*, 2016, p. 5.

⁴⁵ GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, n. 136, terça-feira, 15 de maio de 1888, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/103730_02/13785?pesq=%22Missa%20Campal%22. Acesso em: 4 abr. 2025.

⁴⁶ Para uma análise sobre a atuação da imprensa no movimento abolicionista, vide, entre outros: PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. Novo Hamburgo: Selo Negro Edições, 2010; DOMINGUES, Petrônio. Os jornais dos filhos e netos de escravos. In: *A nova abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008; SANTOS, Cláudia. *Disputas políticas pela abolição no Brasil: nas senzalas, nos partidos, na imprensa e nas ruas*. Petrópolis: Vozes, 2023.

massiva da população.⁴⁷ Na síntese da própria Gazeta de Notícias: “Sob um céu pardacento, que singularmente contrastava com a alegria de mais de trinta mil pessoas que alli estavam no campo de S. Christovão, erguia-se o singelo altar, ante o qual milhares de patriotas iam agradecer a Deus a liberdade de sua pátria”.⁴⁸

Na disputa pela memória da Abolição, como bem destaca Renata Ferreira de Moraes, os eventos organizados pela Imprensa Fluminense tinham por objetivo unir a memória do fim da escravidão a um feito da monarquia, centrado na figura da princesa Isabel.⁴⁹ Nesse sentido, de acordo com a historiadora, “a missa que inaugurou os festejos contribuiu para a construção de uma narrativa que sacralizava a Abolição e dava à princesa o papel de redentora”.⁵⁰ Nesse investimento de memória, que garantia à Isabel o lugar de protagonista e convertia o ato da Abolição em dádiva,⁵¹ a partir do “traço de [sua] penna”,⁵² imiscuíam-se importantes movimentos abolicionistas, formados, inclusive, em sua maioria, por intelectuais negros.⁵³

O evento da missa campal, com seu altar especialmente montado, a elevação da tribuna reservada para a realeza e seus selecionados, bem como as bandeiras penduradas ao alto, tinham todos um caráter efêmero naquele grande espaço da praça d. Pedro I, em São Cristóvão. Recorrer à fotografia para fazer memória daquele instante de pouca duração seria o modo possível de captar o evento, um breve “lampejo” — para tomarmos a célebre expressão de Walter Benjamin⁵⁴ —, na crença de torná-lo eterna presença a partir do registro fotográfico. Como bem sintetiza Elizabeth Edwards sobre a questão:

⁴⁷ O escritor Lima Barreto, conforme explora Lília Schwarcz, também legaria registros, datados de 1911, sobre a memória da celebração religiosa presenciada em seus 7 anos de idade, com um forte apelo visual: “Houve missa campal no campo de São Cristóvão. Eu fui também com meu pai; mas pouco me recordo dela, a não ser lembrar-me que, ao assisti-la, me vinha aos olhos a *Primeira Missa*, de Victor Meirelles. Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez”. SCHWARCZ, *op. cit.* 2017, p. 68.

⁴⁸ A MISSA Campal. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, n. 136, sexta-feira, 18 de maio de 1888, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/103730_02/13785?pesq=%22Missa%20Campal%22. Acesso em: 4 abr. 2025.

⁴⁹ MORAES, *op. cit.*, 2023, p. 72.

⁵⁰ Para a construção visual da memória da princesa Isabel enquanto “Redentora”, vide, entre outros: DAIBERT JUNIOR, Robert. **Isabel, a “Redentora” dos escravos**: uma história da princesa entre olhares negros e brancos. Bauru: Edusc, 2004; FERNANDES, Bárbara Ferreira. **Do juramento da princesa ao Senado Imperial**: a análise de uma obra e sua inserção no projeto político do Estado. Dissertação (Mestrado em História). ICH Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019; LIMA JUNIOR, *op. cit.*, 2020; SCHWARCZ, Lília Moritz. **Imagens da branquitude**: a presença da ausência. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

⁵¹ SCHWARCZ, Lília Moritz. Dos males da dádiva: sobre as ambiguidades no processo da Abolição. *In*: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio (org.). **Quase cidadãos**: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

⁵² Conforme anotações feitas por Tobias Monteiro em entrevista à princesa Isabel no castelo d’Eu em 4 de setembro de 1920: “No dia 13 de maio sentiu-se feliz vendo que com um traço de penna libertara 700.000 criaturas.” Cf.: MONTEIRO, Tobias. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Manuscritos, 63, 04, 004, n. 078.

⁵³ Para um balanço sobre a questão, vide, entre outros: ALBUQUERQUE, Wlamyra. Movimentos sociais e abolicionismos. *In*: SCHWARCZ, Lília M.; GOMES, Flávio. **Dicionário da escravidão e da liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Vide também: SILVA, Lucas Ventura. Quanto custa a liberdade? Escravidão, abolição e abolicionismos na Petrópolis imperial (1884-1888). *In*: SILVA, Lucas Ventura da; LAGE, Natalia da Paz (org.). **Petrópolis, entre o conhecido e o (des)conhecido**: história, estudos reunidos e novas abordagens. Petrópolis: Instituto Municipal de Cultura, 2024.

⁵⁴ BENJAMIN, Walter. Tese V. *In*: **Sobre o conceito de História**. São Paulo: Alameda, 2020, p. 69.

“as fotografias restabelecem o que foi deixado de lado ou submerso por outras formas de inscrição, mesmo em fontes consideradas abertas à subjetividade — como cartas e diários [...]. A presença, como conceito, é um elemento ativo nesses restabelecimentos”.⁵⁵ Impactados pelas formulações de Edwards, somos assim levados a pensar sobre as possibilidades de entrever outras dimensões da experiência da festa da Abolição a partir desse registro fotográfico.

Em um exercício imaginativo, podemos visualizar Antonio de Barros Araújo subir com os seus pesados equipamentos fotográficos — quem sabe a partir do trabalho exercido por ex-escravizados — até algum ponto elevado da praça d. Pedro I, nas imediações do bairro de São Cristóvão, para flagrar o evento da missa campal. Lançando mão de uma tecnologia sofisticada e dispendiosa, e com uma câmera própria para a paisagem de campos abertos,⁵⁶ Barros Araújo se lançou a fazer uma tomada panorâmica da missa, pela qual se ressaltou a dimensão popular do evento, expressa no grande fluxo de pessoas ali presentes [Figura 2]. A aglomeração ganhou ainda mais ênfase quando o fotógrafo amador optou por deixar no interior do enquadramento o número avultado de carruagens — possivelmente carros de aluguel e de particulares — atrelados em seus cavalos e utilizados para transportar os transeuntes até aquele ponto relativamente distante da cidade. Estacionadas na beira da praça, elas enquadram a turba, espalhadas desde as extremidades da imagem.

À esquerda [Figura 3], pode-se ver, embora com pouca clareza, o altar armado e o dossel feito para abrigar a princesa regente, diante de uma estrutura confeccionada para tal fim. No canto extremo, há casas que avizinham a praça e seus moradores que abeiram as janelas convertidas em espécie de camarote especial. Já ao centro da foto, unida por uma emenda, encontra-se o maior número de populares que se espreitam para participar do evento a céu aberto. Ao meio da foto [Figura 4], em um ponto mais ao alto, identifica-se a banda de músicos enfileirados e que animaram a celebração. Chama a atenção a terceira e última parte do registro fotográfico [Figura 5], igualmente unida à segunda por uma emenda, na qual se avista aqueles que, apesar de presentes, encontram-se alheios à missa, com a atenção voltada para o lado oposto do lugar disposto ao altar. A tomada ampla permite uma maior documentação geral do evento, mas dada a movimentação de alguns indivíduos, estes transformaram-se em figuras fantasmagóricas, como na base direita da foto. Diminutas, ombreadas e aglomeradas, poucas são as pessoas individualizadas dentro da fotografia.

⁵⁵ EDWARDS, Elizabeth. **Photographs and the practice of history**. London: Bloomsbury Academic, 2022, p. 75.

⁵⁶ Agradeço ao fotógrafo Marcos Blau pela fundamental interlocução para os aspectos técnicos da fotografia de Barros Araújo. Ressalto que os possíveis equívocos existentes são todos meus.



Figura 2:
Antonio de Barros Araújo. **A Sua Alteza a Princesa Imperial. Missa Campal 17 de Maio 1888.**
Fotografia, 11,5 x 49 cm (sem moldura). Musée Louis-Philippe, Le Château d'Eu, Normandia, França.



Figura 3:
Antonio de Barros Araújo. **A Sua Alteza a Princesa Imperial. Missa Campal 17 de Maio 1888 (detalhe).**
Fotografia, 11,5 x 49 cm (sem moldura). Musée Louis-Philippe, Le Château d'Eu, Normandia, França.



Figura 4:
Antonio de Barros Araújo. **A Sua Alteza a Princesa Imperial. Missa Campal 17 de Maio 1888 (detalhe).**
Fotografia, 11,5 x 49 cm (sem moldura). Musée Louis-Philippe, Le Château d'Eu, Normandia, França.



Figura 5:
Antonio de Barros Araújo. **A Sua Alteza a Princesa Imperial. Missa Campal 17 de Maio 1888 (detalhe).**
Fotografia, 11,5 x 49 cm (sem moldura). Musée Louis-Philippe, Le Château d'Eu, Normandia, França.

De todo modo, são inúmeros os pequenos grandes detalhes que comportam a imagem; pode-se observar o anseio de muitas pessoas em testemunhar aquele momento presente da melhor maneira possível. Se alguns preferem se abrigar no interior das carruagens com o objetivo de fugir do tempo chuvoso, outros, a despeito do céu “pardacento”,⁵⁷ equilibraram-se na boleia para que seus olhos alcançassem o altar e a tribuna distantes. Estes são os vários tempos de contemplação que comportam a imagem: daqueles que estão no interior das carruagens se abrigando da chuva, daqueles que se apoiam nas boleias, ou mesmo daqueles que acompanham tudo no rés do chão. Ou mesmo a atenção dos oficiais a cavalo, situados no canto esquerdo da imagem, que, ao mesmo tempo, miram a cerimônia do alto de suas montarias e vigiam a multidão ali altamente concentrada. Além, é claro, da contemplação do próprio fotógrafo na escolha da captação do ângulo e enquadramento que favorecessem uma visada panorâmica da cena.⁵⁸ A foto ainda demonstra os detalhes que passariam despercebidos para o descritivo dos registros escritos, como aquele sujeito próximo de sua barraquinha armada, possivelmente para vender algum comestível, desses comercializados nas ruas do Rio de Janeiro. Aí está a “pequena centelha do acaso”, da qual nos fala Walter Benjamin, captada pela objetiva de Barros Araújo e que participa da imagem, a despeito, às vezes, das intenções do próprio fotógrafo.⁵⁹

Vale lembrar que foi organizado todo um esquema para facilitar o transporte até o campo de São Cristóvão, a fim de dar conta do número elevado de pessoas em trânsito até esse ponto da cidade. Esse é o caso do anúncio da Companhia Villa Guarany, que teria “carros extraordinários em correspondência com da Villa Isabel, hoje das 8 horas da manhã em diante até depois da missa campal. 17 de maio de 1888 – Z. C. da Silva, superintendente”.⁶⁰ Ou então da Companhia de S. Christovão, com seus “Carros extraordinarios para o campo de S. Christovão, onde será celebrada a missa hoje às 9 horas da manhã. N’estes carros, que terão a taboleta ‘200 rs. campo de S. Christovão’ não se recebem meias passagens. Rio, 17 de maio de 1888 – Antão, superintendente”.⁶¹

Apesar da logística para atender a alta demanda de pessoas em trânsito até a região da celebração da missa, pelo número de veículos estacionados em relação à quantidade de pessoas presentes na celebração, não é difícil constatar que aquele transporte não estava ao alcance de todos e

⁵⁷ A MISSA, *op. cit.*, 1888.

⁵⁸ Agradeço a interlocução constante e generosa de Francislei Lima da Silva, Gabriela Pessoa e Tatiana Vasconcelos.

⁵⁹ BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 94.

⁶⁰ GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 137, quinta-feira, 17 maio 1888, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/103730_02/13795. Acesso em: 15 mar. 2025.

⁶¹ *Ibidem*.

todas. Apesar do volume significativo de viaturas estacionadas — e de diferentes tipologias — que consta na fotografia, era clara a distinção entre os grupos sociais que tinham acesso aos bondes e aos “carros”. De acordo com a Gazeta da Tarde: “foi crescido [sic.] o *numero de carros conduzindo senhoras*, e em varios pontos ficou por vezes o transito interrompido. Os *bonds* da companhia de S. Christovão foram *insuficientes para o povo*, que, desejoso de não perder a grande solenidade, *chegou a subir aos toldos*”.⁶² De acordo com as notícias veiculadas na imprensa, um cortejo seguiu após a missa para a região central da cidade. Quem sabe os carros ali estacionados aguardassem esse caminho do retorno, onde formariam o préstito que daria continuidade às festas da Abolição.⁶³

Conforme noticiado na Gazeta de Notícias, a “excellente photographia” de Barros Araújo já vinha emoldurada, pronta para a sua exibição, portanto. E uma exibição que contemplava a sua observação constante, uma vez que a moldura — à maneira do que ocorria com um quadro — permitia que ela fosse pendurada em uma parede e não fosse preservada no interior de um álbum, reunida com tantas outras imagens. A presença da moldura, no seu aspecto material enquanto suporte, e das informações nela inscritas, reforçaria o caráter de exemplaridade daquela obra em relação ao feito da Abolição — e de sua memória —, especialmente fabricada para ser vista e fruída no presente e no tempo futuro. Quem sabe depois de recebida a oferta, a princesa não a tenha exposta no interior do Paço Isabel, situado no bairro das Laranjeiras, ou mesmo em sua casa de veraneio, em Petrópolis. A própria princesa, como seu pai, era uma entusiasta da fotografia, chegando a ter aulas particulares com Revert Henry Klumb,⁶⁴ além de eles próprios serem colecionadores.⁶⁵

Com a queda do Império e a imposição do exílio pela República, a família imperial levou para a França grande parte dos pertences preservados no interior das residências do Rio de Janeiro. Nas

⁶² GAZETA da Tarde, Rio de Janeiro, n. 112, quinta-feira, 17 maio 1888, p. 2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/226688/847oem>. Acesso em: 4 abr. 2025. Destaques do autor.

⁶³ Sobre essa questão da presença dos carros nos cortejos da Abolição, presentes inclusive nos registros fotográficos, vale recordar a passagem de Memorial de Aires, de Machado de Assis, na qual o Conselheiro, personagem central, faz a seguinte observação sobre o dia 13 de maio: “Enfim, lei. Nunca fui, nem o cargo me consentia ser propagandista da abolição, mas confesso que senti grande prazer quando soube da votação final do senado e da sanção da Regente. Estava na rua do Ouvidor, onde a agitação era grande e a alegria geral. Um conhecido meu, homem de imprensa, achando-me ali ofereceu-me logar no seu carro, que estava na rua Nova, e ia enfileirar no cortejo organizado para rodear o paço da cidade e fazer ovação á Regente. [...] Deixei-os ir, a ele e aos outros, que se juntaram e partiram da rua Primeiro de Março. *Disseram-me depois que os manifestantes erguiam-se nos carros, que iam abertos, e faziam grandes aclamações, em frente ao paço, onde estavam tambem todos os ministros*”. ASSIS, Machado de. 13 de Maio. In: **Memorial de Ayres**. Rio de Janeiro/Paris: Garnier, 1908, p. 55-56. Destaques do autor.

⁶⁴ VASQUEZ, Pedro Karp. **A fotografia no Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 15. Para a relação de d. Pedro II com a fotografia, vide, entre outros: VASQUEZ, Pedro Karp. **D. Pedro II e a fotografia**. Rio de Janeiro: Index, 1985; TURAZZI, Maria Inês. **Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo: 1839-1889**. Rio de Janeiro: Rocco: Funarte, 1995; SCHWARCZ, Lília Moritz. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II: uma monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; ARGON, Mária de Fátima Moraes (org.). **Família Imperial: álbum de retratos**. Petrópolis: Museu Imperial, 2002.

⁶⁵ Logo após a Proclamação da República, d. Pedro II doou cerca de 35 mil imagens que constituem a coleção D. Thereza Christina Maria. Dada a importância ímpar dessa coleção, está inscrita no Registro da Memória do Mundo pela Unesco desde 2003. Vide: A COLEÇÃO do Imperador: fotografia brasileira e estrangeira no século XIX. Catálogo de exposição. Rio de Janeiro: CCBB, 1997.

inúmeras cartas remetidas do exílio no pós-15 de novembro de 1889, o conde d'Eu, por exemplo, com frequência atentava-se ao seu mordomo particular, Carlos Guilherme Lassance, para o envio de quadros, livros, mobílias, além de “todas as fotografias que ficarão na biblioteca acima da mesa perto do sofá”.⁶⁶ É muito provável que a saída da imagem produzida por Barros Araújo da coleção da princesa, no Rio de Janeiro, e transferida para a França do exílio, tenha se passado nesse momento de deslocamento desses objetos, justificados pelos representantes legais do ex-monarca ao governo republicano como “lembranças de família”.⁶⁷ A partir das inúmeras listagens produzidas, nota-se a cautela por parte dos membros da família imperial de evitar a dispersão, por parte do novo regime, dos objetos que melhor pudessem remeter à memória do Império, ora decaído.⁶⁸

A fresca memória da Abolição seria acionada no exílio a partir de variados artefatos relacionados ao feito, os quais pudessem vinculá-lo diretamente à figura da princesa Isabel. Esse é o caso da “Mesa 13 de Maio”, que foi registrada duas vezes, na mesma página, em uma das listagens dos objetos a serem embarcados, tamanha obsessão em carregar a mobília, tornada agora relíquia, sobre a qual foi assinada a Lei de 13 de Maio.⁶⁹ Nessa construção da memória acerca da Abolição, Isabel alinhavava-se a um arsenal de apetrechos — móveis, pinturas, fotografias — que pudessem sustentar, no exílio, a imagem de “Redentora” e de suposta protagonista pelo fim da escravidão no Brasil.⁷⁰

Para a princesa, a fotografia tornava-se uma “imagem-memória”⁷¹ do evento religioso consagrado àquele feito político. Apesar do enquadramento do fotógrafo privilegiar o primeiro plano, e por consequência dificultar a identificação da princesa — flagrada ali como um vulto situado debaixo

⁶⁶ Listagem elaborada com a caligrafia da princesa Isabel e do conde d'Eu, sem data. Arquivo Grão-Pará, Petrópolis. Agradeço a d. Pedro Carlos de Orléans e Bragança e Bourbon por credenciar o acesso a esse arquivo e à Fátima Argon pelas inúmeras sugestões de consulta aos documentos relacionados ao tema da pesquisa.

⁶⁷ Vide: LIMA JUNIOR, Carlos. Do Paço da Cidade ao Museu Imperial: as (re)apropriações do quadro O ato da Coroação de Sua Majestade o Imperador, de François-René Moreaux, durante a República. **Revista de História da Arte e da Cultura**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 54–82, 2023a. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/18436>. Acesso em: 28 abr. 2025.

⁶⁸ Uma parte significativa das coleções dos palácios do Rio foi dispersa no “Leilão do Paço” organizado pelo governo republicano em 1890. Sobre o tema, vide: SANTOS, Francisco Marques dos. O leilão do Paço de S. Cristóvão. **Anuário do Museu Imperial**. Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, p. 151-316, 1940. SCHWARCZ, *op. cit.*, 1998; DANTAS, Regina. **A Casa do Imperador: do paço de São Cristóvão ao Museu Nacional**. 2020. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007; SILVA, Caroline Fernandes. **Nos tempos dos leilões: a construção dos sentidos da arte no Brasil entre os séculos XIX e XX**. 2015. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

⁶⁹ No tampo de mármore da mesa foi gravado “13 de maio de 1888”, no esforço de materializar o feito associado à data. A mesa retornou ao Brasil e pertence até hoje aos descendentes da princesa Isabel. Sobre essa peça, cf.: LIMA JUNIOR, Carlos. **Mesa 13 de maio: memórias e silenciamentos da Abolição na coleção da “Redentora”** (no prelo).

⁷⁰ Discuti com bastante vagar a questão em: LIMA JUNIOR, Carlos. Evocações do Império na morada do exílio: percalços de uma coleção brasileira no Castelo d'Eu. **Anuário do Museu Imperial**, vol. 3, 2022a. Disponível em: https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2023/06/Anuario-2022-com_OCR.pdf. Acesso em: 6 abr. 2025.

⁷¹ Como recorda Etienne Samain: “Toda imagem é uma memória de memórias”. SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. In: **Como pensam as imagens**. Campinas: Unicamp, 2012, p. 23.

do dossel —, ainda assim a foto permitia afirmar a popularidade do “13 de maio”, traduzida na grande aglomeração de pessoas, carros e animais em uma área pública da até então capital do país. Tornava-se um dispositivo visual que possibilitava à Isabel um desejado testemunho visual da história, acionado nas narrativas por ela empreendida junto aos convidados que adentravam o castelo d’Eu.⁷² Espécie de cápsula de um tempo de um regime político que não mais existia, o castelo resguardava no seu interior objetos que permitiam significar a biografia de seus moradores, para a qual a história privada se mesclava à própria história política brasileira, mobilizada ali sob a perspectiva do tom nostálgico em relação ao período imperial.⁷³

O castelo de proporções monumentais — 90 metros de fachada e 1.325 metros quadrados, distribuídos, para além do saguão, em quatro andares⁷⁴ — passou a ser residência da princesa Isabel e de sua família no exílio a partir de maio de 1905, logo depois de adquirida do duque de Orléans, após um grande incêndio ocorrido três anos antes. Situada na cidade da qual provinha o título nobiliárquico do conde d’Eu, a construção, cuja história remontava ao século XVI, era uma das propriedades diletas do rei Louis-Philippe, que fez uma série de modificações nela ao longo de seu reinado.⁷⁵

Um articulista, ao realizar uma matéria sobre o interior do castelo, publicada em setembro de 1906, um ano depois da aquisição da residência pelo casal d’Eu, não deixou de destacar que entre as paredes de uma das salas constava a “fotografia da festa da abolição da escravatura”.⁷⁶ Diante dessa constatação, resta a dúvida sobre a qual fotografia se refere o articulista: se aquela de autoria de Antonio de Barros Araújo, ou a de outro Antonio: Luiz Ferreira, que igualmente produziu uma fotografia da Missa Campal em 1888. Enquanto a primeira permaneceu em uma espécie de “eterno exílio” — inclusive visual —, a segunda, como veremos, retornou ao Brasil e tornou-se uma das fotografias mais icônicas da Abolição.

⁷² Sobre o tema, vide: DEPARIS, Julien. **Le Château d’Eu et ses princes de Louis-Philippe a 1960**. Memoire d’Histoire Contemporaine sous la direction de Monsieur J. P Chaline UFR d’Histoire. Paris: Université Paris IV-Sorbonne, 2005; LIMA JUNIOR, *op. cit.*, 2022a.

⁷³ LIMA JUNIOR, *op. cit.* 2022a. Vale lembrar que, para além do castelo, a princesa e o conde d’Eu possuíam uma residência em Boulogne-sur-Seine, na qual também preservavam objetos do passado imperial brasileiro.

⁷⁴ PROPOSITIONS de vente du domaine du Chateau d’Eu. 08-12-1951. In: **Domaine du Château d’Eu**. Fundo Assis Chateaubriand, Arquivo Histórico do MASP, São Paulo.

⁷⁵ Vide: DUPARC, Alban. La transformation du château d’Eu en résidence royale. In: BAJOU, Valérie. **Louis-Philippe et Versailles**. Catálogo de exposição. Paris: Château de Versailles; Somogy Éditions d’Art, 2018, p. 178-181.

⁷⁶ GRANDVELLE, H. de. Brasil e França no Castello d’Eu. In: ALBUM Imperial. Quinzenario Político e Litterario. São Paulo, 5 set. 1906, ano I, n. 17. Biblioteca do Museu Imperial. Localização: SP Alb Imp 17 1906 R.

A missa campal no enquadramento de dois “Antonios”

A fotografia pertencente ao acervo do Musée Louis-Philippe, enquanto documento visual, possibilita uma tomada inédita a respeito dos festejos pela Abolição da escravidão no Brasil. Mas, certamente, a foto [Figura 6] mais difundida entre o público brasileiro referente à missa campal de 17 de maio de 1888 é aquela pertencente à coleção Dom João de Orléans e Bragança, bisneto da princesa Isabel, sob a guarda do Instituto Moreira Salles (IMS), desde 2009.⁷⁷ De autoria de Antonio Luiz Ferreira, essa fotografia integrava uma série de imagens captadas pelo fotógrafo sobre as festividades que envolveram os dias posteriores ao 13 de maio de 1888, e remetidas por ele à própria princesa Isabel.⁷⁸ Nela, ao contrário daquela produzida por Antonio de Barros Araújo, a multidão dirige o seu olhar para as lentes do fotógrafo, inclusive a princesa Isabel e o conde d’Eu, que possuem suas fisionomias individualizadas no registro fotográfico.⁷⁹ Nesta de autoria de Luiz Ferreira, a princesa ganha maior destaque e protagonismo, enquanto na de Barros Araújo é a multidão espectadora que ganha centralidade, deixando a princesa quase como um borrão, em um segundo plano.⁸⁰ Entre divergências e convergências, ambos os Antonios estavam conscientes de que documentavam, a partir da moderna linguagem fotográfica, um dos feitos contemporâneos mais celebrados do Império.⁸¹

⁷⁷ Composto de 781 itens, dentre fotografias originais de época e negativos em vidro, reunidos por d. Pedro II, pela princesa Isabel e seus descendentes. Vide: BURGI, Sérgio; ORLÉANS E BRAGANÇA, Dom João de (org.). **Retratos do Império e do Exílio**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2011, p. 5. Para essa coleção, vide: Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/search?filtersStatelId=5>. Acesso em: 4 abr. 2025.

⁷⁸ São elas: “Derby Club” (18 x 13 cm), “Club dos Democráticos” (18 x 13 cm), “Prestito Escolar” (19 x 24, 5 cm), “Prestito Escolar (19 x 24,5 cm), “Marinha Imperial” (18 x 13 cm), “Escola Polythecnica” (18 x 13 cm), “Carro da Imprensa” (18 x 13 cm), aquela que registra a Sede de *O Paiz* (18 x 13 cm), a da multidão diante das sedes dos periódicos (19 x 24, 5 cm), “Antes da Assignatura do Decreto” (19 x 24,5 cm), “Depois da Assignatura do Decreto” (19 x 24, 5 cm). Ainda também são escassas as informações sobre a data de nascimento e morte de Antonio Luiz Ferreira, cuja produção mais conhecida são as fotografias realizadas por ocasião do fim da escravidão no Brasil. Vide, por exemplo: KOSSOY, *op. cit.*, 2002, p. 134.

⁷⁹ Para os personagens identificados, consultar: WANDERLEY, Andrea C. T. Missa campal de 17 de maio de 1888. **Brasiliiana Fotográfica**, 17 maio 2015. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=528>. Acesso em: 4 abr. 2025.

⁸⁰ As duas fotografias diferem no tamanho: enquanto a de Luiz Ferreira mede 28,5 x 51,5 cm, a fabricada por Barros Araújo mede 11,5 x 49 cm.

⁸¹ Como recorda Pedro Karp Vasquez: “Consciente da importância do momento histórico nesta representado, alguém se preocupou em registrar mais tarde, a lápis, na margem da fotografia, a hora exata do culto, ali identificado como *messe militaire*: 10 horas”. VASQUEZ, *op. cit.*, p. 40. A ocasião da assinatura da Lei Áurea impulsionou uma produção imagética para a qual concorreram pinturas de história, retratos da princesa Isabel, gravuras com alegorias, ilustrações, para além das próprias fotografias. Em relação à temática da missa de ação de graças, o artista Pedro Peres pintou um pequeno esboço em óleo sobre madeira (0,203 x 0,140 m, pertencente ao Museu Imperial, em Petrópolis), intitulado “Missa no campo de São Cristóvão”, na qual se vê a tribuna e os populares com suas sombrinhas, na recordação do dia chuvoso em que aconteceu a celebração religiosa. Reproduzido em: O MUSEU Imperial. São Paulo: Banco Safra, 1992, p. 147.

**Figura 6:**

Antonio Luiz Ferreira. **Missa celebrada em ação de graça pela abolição da escravidão no Brasil, 17 de maio 1888.** Fotografia (albumina), 28,5 x 51,5 cm. Coleção D. João de Orléans e Bragança/ Acervo IMS, Brasil.

Ao contrário de Antonio de Barros Araújo, que estava ligado ao mundo do comércio, e se apresentava como “fotógrafo amador”, Antonio Luiz Ferreira tinha a fotografia como ofício profissional, estabelecido no centro do Rio de Janeiro.⁸² São de sua autoria os registros fotográficos mais conhecidos referentes aos momentos da “Abolição no Brasil”. Todas essas fotografias possuem legendas que permitem identificar os momentos documentados entre os dias 8 e 13 de maio de 1888: “Sessão da aprovação da lei”, “Antes da assignatura do decreto”, “Depois da assignatura do decreto”.⁸³ Se, na primeira delas, o interior da Câmara com os parlamentares reunidos para discutir o texto da Lei é o assunto da imagem, as duas últimas, por sua vez, registram o prédio do Paço da Cidade — edifício significativo para a performance do poder imperial e instalado no centro da Corte — tomado por uma multidão, e para o qual a Lei foi encaminhada para ser assinada pela princesa às três horas da tarde.

Para além desses registros visuais que pudessem exaltar o processo legal e do apoio popular na condução do fim da escravidão no Brasil, Luiz Ferreira fotografou, também, as celebrações ocorridas na

⁸² Para a atuação de Luiz Ferreira enquanto fotógrafo no Rio de Janeiro, inclusive durante o período republicano, vide: WANDERLEY, Andrea C. T. Antonio Luiz Ferreira (18?-19?), fotógrafo das celebrações pela abolição da escravatura em 1888. **Brasileira Fotográfica**, 17 fev. 2021. Disponível em: <https://brasileanafotografica.bn.gov.br/?p=16763>. Acesso em: 16 mar. 2025.

⁸³ Reproduzida em: LAGO, *op. cit.*, 2013, p. 288-291. Conforme destaca Renata Moraes, essa fotografia, que mede 19 x 24,5 cm, poderia ser adquirida na papelaria Guimarães & Ferdinando, o que demonstra a sua veiculação e circulação. Cf. MORAES, *op. cit.*, 2023, p. 47-48.

rua do Ouvidor, na saudação aos principais jornais que estavam com as suas fachadas especialmente decoradas para compor as festas em torno do “13 de maio”. Em um deles, pode-se ver a sede da Gazeta de Notícias, que exibia ao alto o retrato da princesa Isabel e, entre as portas de entrada, o retrato de José do Patrocínio, envolto pela bandeira do Império. Por meio dos dois retratos, selecionava-se a memória, inclusive visual, que se desejava conformar já nas primeiras horas do evento em relação ao desfecho da escravidão: render homenagem à princesa e à própria imprensa,⁸⁴ rememorada a partir do retrato de Patrocínio, uma vez que foi na Gazeta de Notícias que o abolicionista publicou os primeiros textos pela causa da Abolição, como já mencionado anteriormente.⁸⁵

A fotografia de Barros Araújo dá a ver aquilo que ficou de fora do enquadramento de Luiz Ferreira, centrado na tribuna da princesa, no altar e na multidão que acompanhava a missa. O foco dirigido mais ao grupo lateral do que para a frontalidade permitiu que o enquadramento evidenciasse os personagens ali presentes, sem se ater às bordas, só possível a partir de uma escolha distante e ampliada, como fez Barros Araújo. Cada fotógrafo, profissional ou amador, fez, a seu modo, um “recorte da realidade”, na escolha do “fragmento” da missa campal a ser projetado na imagem fotográfica.⁸⁶

Os dois “Antonios” se utilizaram de algumas estratégias semelhantes em relação à divulgação de suas respectivas fotografias. Ambos apresentaram a imagem para jornais de alta circulação no Rio de Janeiro para torná-la conhecida, e a endereçaram como homenagem à princesa regente. No caso de Luiz Ferreira, a fotografia tornou-se praticamente a imagem oficial do evento, recebendo apreciações críticas de maior fôlego na imprensa:

A Missa Campal

O conhecido photographo A. Luiz Ferreira trouxe ao nosso escriptorio uma photographia tirada no campo de S. Christóvão, na ocasião em que alli se celebrou a missa campal, mandada dizer pela imprensa fluminense. O trabalho photographico faz honra ao artista Ferreira, porque é de uma *fidelidade pasmosa*.

Vê-se que a photographia foi tirada com uma *rapidez incrível*.

Em um campo onde se achavam milhares de pessoas, irmandades, corporações e tropa, com alguma paciência, pôde-se distinguir muitas pessoas conhecidas. São *fieis os retratos* de Suas Altezas Imperiaes e das pessoas que as rodeiam. Vêm-se alli as Exmas. Sras. Amanda Doria e condessa da Estrella (Cecilia), os membros do ministerio, os Drs. F. Mendes e Dermeval, Angelo Agostini, Ernesto Senna e outros.

Entre o povo conhecem-se os Srs. Pimenta Bueno, José Mendes de Oliveira Castro, deputado Costa Aguiar, Narciso Ribeiro, Jaguaribe, Dr. Cezar Marques, Dr. Pederneiras, Fonseca Braga e outras muitas pessoas.

⁸⁴ LAGO, *op. cit.*, 2013, p. 301. A fotografia encontra-se reproduzida nessa mesma página da publicação.

⁸⁵ MORAES, *op. cit.*, 2023, p. 59.

⁸⁶ KRAUSS, Rosalind. **O fotográfico**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002, p. 140.

O quadro tem a seguinte inscrição feita a bico de penna: — Grande missa campal, em 17 de Maio de 1888. Regente do Imperio S. A. I. Isabel, a Redemptora — e o nome dos ministros; é forrada de pelúcia verde e amarella vae ser offerecido a Sua Alteza Imperial Regente.⁸⁷

Pela pesquisa realizada na imprensa da época, a fotografia de Barros Araújo não circulou visualmente antes de ser entregue à filha de Pedro II. Diferentemente do caso de Luiz Ferreira, que a deixou à mostra em área de grande fluxo no centro do Rio de Janeiro:

Missa Campal

Foi entregue, hontem a Sua Alteza Imperial Regente a prova da photographia da missa campal mandada celebrar pela imprensa fluminense, bello e excelente trabalho do distincto photographo Antonio Luiz Ferreira, e que esteve exposto na papelaria Guimarães & Ferdinando.

Na mesma occasião entregou o Sr. Ferreira 12 photographias dos festejos havidos n'esta côrte pela promulgação da lei de 13 de Maio.⁸⁸

O acervo do Musée Louis-Philippe possui ainda mais uma fotografia relacionada ao tema da Abolição e que pode ser atribuída ao afamado fotógrafo Marc Ferrez. Dessa vez, refere-se à outra missa, não campal, e realizada por ocasião do recebimento da insígnia da Rosa de Ouro, ofertada pelo Papa à princesa Isabel devido à assinatura da Lei Áurea [Figura 7]. Nela, a princesa aparece acompanhada de seu pai, ambos sentados debaixo do dossel, e pode-se avistar, inclusive, a insígnia da Rosa de Ouro depositada sobre o altar.⁸⁹ A atribuição do tema da fotografia em questão foi possível graças a um documento preservado no *Centre des Archives diplomatiques de La Courneuve (Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères)*, na França. Em um relatório despachado do Rio de Janeiro, por meio do qual se informava a recepção política da entrega da Rosa de Ouro à princesa em setembro de 1888, e encaminhado ao M. René Goblet, Ministro dos Negócios Estrangeiros em Paris, encontra-se uma cópia dessa fotografia anexada enquanto testemunho visual daquilo se é narrado no documento. Junto aos papéis encontra-se ainda uma tradução para o francês do “Diário Oficial”, de 9 de outubro de 1888, pelo qual se expunha que:

⁸⁷ DIÁRIO de Notícias, Rio de Janeiro, ano IV, n. 1085, domingo, 3 de Junho de 1888, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/369365/4407>. Acesso em: 4 abr. 2025. Destaques do autor.

⁸⁸ DIÁRIO de Notícias, Rio de Janeiro, ano IV, n. 1902, sábado, 9 de Junho de 1888. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/369365/4433?pesq=%22Missa%20Campal%22>. Acesso em: 4 abr. 2025. Destaques do autor.

⁸⁹ Essa fotografia é idêntica àquela de autoria de Marc Ferrez, pertencente à “Coleção Princesa Isabel”, mas identificada como *Te Deum na Catedral — aclamação da Princesa Isabel como Regente em 1887* (22 x 16 cm). No entanto, como mencionado pelo cônsul, a fotografia registra a celebração pelo recebimento da insígnia da Rosa de Ouro, ocorrida em setembro de 1888. Reproduzida em: LAGO, LAGO, *op. cit.*, 2013, p. 198. O Musée Louis-Philippe possui ainda de autoria identificada a Marc Ferrez a seguinte fotografia: *Panorama de Rio de Janeiro (De ilha das cobras)*. Marc Ferrez - Photo, [s. d.], Fotografia, 112,5 x 70 cm/73 x 27 cm. Vale observar que Ferrez fez registros dos festejos da Abolição, reproduzidos também em LAGO, LAGO, *op. cit.*, 2013, p. 196.

Chegando ao seu palácio, na cidade [?], Sua Alteza Imperial colocou a Rosa de Ouro em exposição sobre uma mesa histórica: é aquela que serviu para a assinatura da sanção da Lei de 13 de maio. Na sala da Exposição imediatamente adjacente à do trono em presença de Suas Majestades, de Sua Alteza o Conde d'Eu, dos Príncipes do Grão-Pará, D. Antonio, D. Luiz, D. Pedro e D. Augusto, dos Ministros, Camaristas e Grandes do Império, Sua Alteza recebeu a Embaixada da Cúria Romana.⁹⁰

A mesa e a Rosa de Ouro tornavam-se, assim, dispositivos de afirmação da memória da princesa junto à Abolição, e lhe permitiam conferir o suposto protagonismo no feito do “13 de maio”. No exílio, é visível o investimento da condessa d'Eu em conformar a nova habitação em espaço de recordação de seu próprio passado, ao arregimentar obras que pudessem participar da construção de sua imagem e autoimagem; entre elas, as fotografias referentes à emancipação.

O castelo ainda comportava outros registros visuais que pudessem vincular, insistentemente, a memória da princesa à Abolição. No inventário da propriedade constava a tela “*Princesse d'Eu lisant le décret d'abolition de l'esclavage*”,⁹¹ que, provavelmente, tratava-se da pintura feita por Victor Meirelles, na qual Isabel aparece em destaque com a Lei de 13 de maio em mãos diante da mesa carregada posteriormente para o castelo em Eu.⁹² Ainda que a composição permanecesse na etapa do esboço, já que nunca foi realizada em ponto grande, a tela de Meirelles – artista laureado da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro e mestre de pintura da princesa no Brasil⁹³ — poderia encerrar, ao mesmo tempo, suporte visual da data e de validação para a mesa “13 de maio”, ostentadamente exibida na biblioteca do castelo d'Eu [Figura 8] como resíduo da “magna data”.

⁹⁰ LEGATION de la République Française au Brésil. Rio de Janeiro, le 9 Octobre 1888. Ofício endereçado ao M. René Goblet, Ministro dos Negócios Estrangeiros em Paris, com a tradução do “Diário Oficial, 30 de outubro de 1888”, p. 314-315. Correspondance Politique, Brésil, Vol. 52. Centre des Archives diplomatiques de La Courneuve (Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères), La Courneuve, França. No original: “Arrivé à son Palais, en ville (?), Son Altesse Impériale mit la Rose d'Or en exposition sur une table historique: c'est celle qui servit à l'inscription de la sanction de la loi du 13 de Mai. Dans la salle de l'Exposition immédiate à celle du trônè en presence de Leurs Majeste (singular?), de S. A. le Comte d'Eu, des Princes du Grand Para, D. Antonio, D. Luiz, D. Pedro et D. Augusto, des Ministres Chambellans, Grands de l'Empire, Son Altesse reçut l'Ambassade de la Curie Romaine”.

⁹¹ ETAT descriptif et Estimatif des Meubles, Objects d'art, Tableaux, Tapis, Tapisserie, Argenterie, Livres, etc... garnissant au Château d'Eu (Seine Inférieure). Le dit état dressé par Maître Etienne ADER Commissaire-Priseur à Paris, Rue Favert [?] No. 6 le 17 Mars 1947. Castelo d'Eu. Coleção Família Imperial. Fundo Alexandre Eulálio. Código AE FI 094, p. 7. Instituto dos Estudos da Linguagem – IEL UNICAMP. Outra obra, mas em cartão, de autoria atribuída a Victor Meirelles, é a de título “Cérémonie au palais (carton)”, a qual ficava disposta no “palier escalier nord”.

⁹² Refiro-me a Victor Meirelles. *Assinatura da Lei Áurea* (estudo), c. 1888. Óleo sobre tela, 45,0 x 54,5 cm. Acervo do Itaú Cultural. Consta ainda arrolada no Inventário do castelo, a pintura identificada como “Comte e Comtesse d'Eu au théâtre” (90 x 70 cm), de autoria de Del Bosco, que retrata a princesa Isabel, até então regente do Império acompanhada de seu marido, e de figuras políticas envolvidas com a Abolição no interior do Theatro D. Pedro II, no Rio de Janeiro. A obra pertence atualmente ao Diário do Rio. Disponível em: <https://diariodorio.com/diario-do-rio-arremata-quadro-historico-de-valor-inestimavel-que-vai-decorar-sua-sede> Acesso em: 28 de abr. 2025.

⁹³ ARGON, Maria de Fátima Moraes. O mestre de pintura da princesa regente. In: TURAZZI, Maria Inês (org.). **Victor Meirelles: novas leituras**. Florianópolis: Museu Victor Meirelles/IBRAM/MinC; São Paulo: Studio Nobel, 2009.



Figura 7:
Marc Ferrez. **Missa solene por ocasião da entrega da Rosa de Ouro**, 1888.
Fotografia, 21,5 x 29 cm.
Musée Louis-Philippe,
Le Château d'Eu, Eu,
Normandia, França.



Figura 8:
Autoria desconhecida.
Château d'Eu. Bibliothèque. Cartão-postal, sem data.
8,5 x 13,5 cm. Arquivo Histórico Museu Imperial/IBRAM/MinC, Petrópolis/RJ, Brasil.

Nos rastros silenciosos dos arquivos do Brasil e da França e a presença/ausência de uma esquecida fotografia

Para além do único registro na Gazeta de Notícias sobre a fotografia de Barros Araújo, um imenso silêncio se impõe nos anos subsequentes à sua entrega para a princesa Isabel. Como será mais bem detalhado nas páginas seguintes, ela não aparece discriminada nos documentos consultados nos arquivos do Brasil e da França, nem mesmo no testamento do conde d'Eu, datado de 1922, pelo qual se definiu a transmissão de muitos dos objetos preservados até então no interior do castelo entre os herdeiros, como o destino da Rosa de Ouro e da Mesa da Abolição.⁹⁴

Com a morte da princesa em 1921, e posteriormente de seu filho mais velho, o príncipe do Grão-Pará, em 1940, a propriedade na Normandia foi vendida pelos descendentes dos Orléans e Bragança em 1954 ao empresário, jornalista e embaixador do Brasil em Londres, Francisco Assis Chateaubriand, que a converteu em sede da *Société d'Études Historiques Dom Pedro II* (Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II).⁹⁵ A instituição previa oferecer bolsas a estudantes brasileiros que se dispusessem a produzir teses acadêmicas sobre a história do Brasil. Próximo dos Orléans e Bragança, o jornalista tinha conhecido a princesa Isabel e o conde d'Eu ainda na década de 1920, em uma visita ao castelo d'Eu, quando realizou uma reportagem sobre o exílio.⁹⁶ Sabe-se que no momento da venda do castelo ao empresário Assis Chateaubriand foram “retirados pelo Príncipe os objetos mais intimamente ligados à família ou que, de mais perto, lhes falavam de tradição”.⁹⁷

Nesse sentido, é bem provável que a fotografia de Barros Araújo não tenha sido legada por herança pelo conde d'Eu a d. Pedro Gastão, filho mais velho do príncipe do Grão-Pará, primogênito da princesa Isabel. Uma parte significativa dos objetos relativos ao passado monárquico brasileiro, pertencentes ao castelo d'Eu, foi trazida de volta ao Brasil em 1949 por iniciativa do próprio d. Pedro Gastão e disposta no palácio do Grão-Pará, em Petrópolis. Entre os inúmeros objetos retornados,

⁹⁴ TESTAMENT et Codicille de Son Altesse Royale, Monseigneur Philippe Marie Ferdinand Gaston d'Orléans, Comte d'Eu, en son vivant propriétaire, demeurant à Boulogne-sur-Seine, boulevard de Boulogne n° 67, veuf de Mme Isabelle Christine Leopoldine Augustine de Michele Gabrielle Raphaëlle Gonzague de Bragançe, Princesse Imperial du Bresil, Comtesse d'Eu, décédé en mer à bord du “Massilia” le 28 auot 1922, déposés chez Me Fontana, notaire à Paris, le 3 Novembre 1922. Archives Historique du Château d'Eu. Eu (Normandia, França). É neste documento, no entanto, que o conde informa sobre a existência de uma série de fotografias dispostas no interior da grande biblioteca do castelo. [s. p.]

⁹⁵ Cf. CYTRYNOWICZ, Monica Musatti. **A trajetória de Max Lowenstein como Mecenaz**: Masp, museus regionais e sociedade Pedro II. São Paulo: Narrativa Um, 2021.

⁹⁶ CHATEAUBRIAND, Assis. Izabel, A Redemptora. **Correio da Manhã**, transcrito na Revista do Brasil, jan. 1922, p. 78-80.

⁹⁷ Cf. OFÍCIO de Manuel Diegues Junior, Diretor Geral do DAC ao Chefe do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores. 24 de março de 1975. Arquivo Institucional, Museu Imperial, Petrópolis. Processo 122-1975. Alessandra Fraguas, Ana Luísa Camargo, Arthur Andrade, Claudia Costa, Lucas Ventura e Vitor Hugo Sternberg foram profissionais fundamentais durante a temporada de pesquisa no arquivo do Museu Imperial.

constavam fotografias, como o “daguerreótipo de D. Pedro II, antes da campanha de Uruguaiana [...] outro daguerreótipo da Imperatriz e da Princesa Izabel”.⁹⁸ O retorno desses objetos ocorreu somente anos depois da segunda guerra mundial e da ocupação das tropas alemãs na França, que chegaram a invadir, por poucos dias, o castelo em 1939.⁹⁹

Logo após a compra do castelo, Assis Chateaubriand financiou uma exposição no prestigiado Hotel de Rohan, em Paris. A mostra foi organizada pelos *Archives Nationales de France* sob o patrocínio da Embaixada do Brasil e com o apoio das principais instituições culturais brasileiras e francesas, entre elas a recém-criada Sociedade de Estudos Históricos D. Pedro II, a partir do empréstimo de obras do acervo do castelo d’Eu. O evento, financiado por Assis Chateaubriand, reunia uma série de quadros, manuscritos, mapas e livros de viajantes produzidos entre os séculos XVI e XX, e preservados em diversas instituições brasileiras e francesas, que pudessem abarcar os quatrocentos anos de relações históricas (supostamente amigáveis) entre os dois países, já que naquele ano se comemoravam os 400 anos da “França Antártica”. A partir de tal empreendimento, recorria-se ao passado longínquo para justificar, naquele momento presente, as relações aproximadas entre esses dois países.¹⁰⁰

De acordo com o catálogo da exposição, no item 367, foi exibida “A Abolição no Brazil’. Grande missa Campal. 17 de Maio de 1888.” Acompanhada do seguinte descritivo: “*Photographie de la messe en plein air célébrée pour l’abolition de l’esclavage. 480 x 650 mm. Collection Château d’Eu*”.¹⁰¹ Pela referência da imagem, trata-se não da fotografia de Barros Araújo, mas sim da de Luiz Ferreira, uma vez que a série de fotografias elaborada por esse fotógrafo possuía no alto de cada um dos suportes a inscrição “A Abolição no Brazil”.¹⁰² O arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) possui um exemplar da fotografia da missa campal de autoria de Luiz Ferreira ainda com a moldura em cartão preservada [Figura 9], na qual constam esses mesmos dizeres informados no catálogo da mostra, o

⁹⁸ RELÍQUIAS imperiais. **Rio Magazine Ltda.** Rio de Janeiro, mar. 1949. Arquivo Grão-Pará, Petrópolis, Rio de Janeiro.

⁹⁹ De acordo com Michel Mabire, em inícios de 1939, d. Pedro Gastão, preocupado com o destino do castelo d’Eu, propriedade de sua família, chegou a ter um encontro com o presidente Vargas, que o autorizou a sair do Brasil e viajar para a França. Cf. MABIRE, Michel. Les descendants du roi et le château d’Eu. In: **Louis-Philippe à Eu: un château privé royal.** Levallois-Perret, 2016, p. 52.

¹⁰⁰ LIMA JUNIOR, Carlos. Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello (verbete). In: DEAECTO, Marisa Midori; SCHPUN, Mônica Raisa; FREIRE JR., Olival (org.). **Trânsitos/Circulações** – Enciclopédia Digital das Relações entre a França e o Brasil (1880-1980) [no prelo].

¹⁰¹ Cf. FRANCE et Brésil. Avant-propos de Charles Braibant. Cat. exp. (Hôtel de Rohan, 24 maio - 27 jun. 1955). Paris: L’Imprimerie Union, 1955, p. 93. Não se descarta a possibilidade do exemplar exposto na mostra de 1955 também ser uma cópia, uma vez que aquela que retornou ao Brasil e ficou sob a posse de d. João de Orléans e Bragança, e hoje preservada no IMS, já estava com o neto da princesa Isabel naquela ocasião. Agradeço a d. João de Orléans e Bragança pela informação concedida.

¹⁰² De acordo com Pedro e Bia Correia do Lago: “A ampla reportagem de Ferreira relativa à abolição no Brasil traz todas as tiragens originais coladas num cartão de suporte azul com a menção manuscrita pelo fotógrafo, acima, e o título da imagem, abaixo”. LAGO, LAGO, *op. cit.*, 2013, p. 292.

que contribuiu para atribuí-la ao fotógrafo em questão.¹⁰³ O IHGB possui ainda uma reprodução fotográfica dessa imagem, ofertada ao instituto por um dos seus confrades, o historiador Moreira de Azevedo.¹⁰⁴ Esses exemplares permitem compreender a circulação e, inclusive, a reprodução da fotografia de Luiz Ferreira, além de sua difusão e reconhecimento como a imagem representativa da missa campal.

Na mostra de 1955, conforme ainda o catálogo, a fotografia estava reunida ao grupo de objetos que faziam memória à escravidão no Brasil, entre elas a obra “IMPERIO DO BRAZIL. 29 de Julho de 1889. Izabel a Redemptoria [sic.] virtuosíssima Princesa imperial. Homenagem ao faustoso natalica [sic]. Pernambuco. Litographie, 570 x 450 mm. Collection Château D’Eu.” Essa litografia [Figura 10], assim como a fotografia, pertence até hoje à coleção do Musée Louis-Philippe.

Vale observar que tanto no inventário do castelo datado de 1947¹⁰⁵ quanto no de 1954,¹⁰⁶ produzidos antes e depois da compra do castelo por Chateaubriand, a fotografia de Barros Araújo não está especificada. Curiosamente, a fotografia não está arrolada na listagem realizada por ocasião da “Visita ao Castelo d’Eu em 22.6.1962. Objetos que, na opinião do Dr. Nehemias Gueiros,¹⁰⁷ em exame local, entram na classificação de ‘*objets mobiliers, historiques interessants l’histoire du Brésil*’ ou, *des collections se rapportant à l’histoire du Brésil*’, excluídos da venda”.¹⁰⁸ Consta nessa listagem, que mescla o francês com o português, uma anotação feita possivelmente por Guilherme Figueiredo, que, como veremos, tratou-se de uma figura chave no processo de repatriação ao Brasil de algumas obras do castelo, pela qual ele afirma: “Este documento me foi entregue pelo Príncipe D. Pedro [possivelmente, d. Pedro Gastão] em outubro de 1967. Foi a 1º vez q se falou nesses objetos”.

¹⁰³ A ABOLIÇÃO no Brasil. Grande Missa Campal em 17 de maio de 1888. Regente do Imperio S. A. I. Izabel a Redemptora. Ministerio 10 de março. Iconografia. (51 x 29 cm). A assinatura do fotógrafo consta no conto inferior direito. Notação BR RJIHGB MAP 1.3.6. Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, IHGB, Rio de Janeiro. Nesta notação encontra-se ainda mais um exemplar da fotografia de Luiz Ferreira. Agradeço à Sônia Nascimento e ao Fábio Thomas Pinheiro de Souza pela atenção durante as pesquisas no arquivo do IHGB.

¹⁰⁴ Notação BR RJIHGB IL 39.98. Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, IHGB, Rio de Janeiro.

¹⁰⁵ ETAT, *op. cit.*, p. 86.

¹⁰⁶ VENTE de meubles par leurs A. I. R les Princesses et Princes d’Orléans et Bragance a la société d’Études Historiques Dom Pedro II. 11 maio 1954, p. 26. Cota R 1909 Château – Acquisition – Association du château. Archives Communales d’Eu, Eu, Normandia. Para a pesquisa neste arquivo em Eu contei com as orientações de Pascal Demouchy, a quem muito agradeço.

¹⁰⁷ Nehemias Gueiros era diretor jurídico do *Diários Associados*, de propriedade de Assis Chateaubriand.

¹⁰⁸ “OBJETOS que, na opinião do Dr. Nehemias Gueiros, em exame local, entram na classificação de objetos *mobiliers historiques interessants l’histor[e] du Brésil*”, ou, *des collections se rapportant à l’histoire du Brésil*, excluídos da venda”. Arquivo Museológico do Museu Imperial, Processo 451-1968.

Figura 9:
 Antonio Luiz Ferreira. **A**
Abolição no Brazil. Grande
Missa Campal em 17 de maio
de 1888. Regente do Imperio
S. A. I. Izabel a Redemptora.
Ministerio 10 de março. 51 x
 29 cm (sem a moldura), 59 x
 46 cm (com a moldura).
 Notação BR RJHGB MAP
 1.3.6. Arquivo Histórico do
 Instituto Histórico e
 Geográfico Brasileiro, IHGB,
 Rio de Janeiro, Brasil.



Figura 10:
 Epaminondas & Krauss. **IMPERIO**
DO BRAZIL. 29 de Julho de 1889.
Izabel a Redemptora
virtuosíssima Princesa imperial.
Homenagem ao faustoso
natalicio. Pernambuco.
 Litografia, 57 x 45 cm.
 Musée Louis-Philippe, Le Château
 d'Eu, Eu, Normandia, França.



O ano da elaboração de tal documento que “excluía da venda” os objetos relacionados à história do Brasil identificados dentro da propriedade coincide com o ano da venda do castelo d’Eu pela Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II ao *Département de Seine-Maritime*.¹⁰⁹ Nela, estão discriminados quadros que, inclusive, ainda permanecem no Musée Louis-Philippe. Ausentam-se, porém, informações sobre a fotografia. Quando da aquisição do castelo pelo *Département*, decidiu-se pela compra “de suas dependências, de sua mobília, de suas coleções e da biblioteca”.¹¹⁰ Reconheciam, no entanto, que os objetos que pudessem oferecer um interesse histórico para o Brasil ali existente poderiam ser separados da venda.¹¹¹

No arquivo histórico da cidade de Eu consta um ofício expedido pelo secretariado do conde de Paris e endereçado ao prefeito Pierre Allard, também do ano de 1962,¹¹² pela qual a condessa de Paris, neta da princesa Isabel,¹¹³ pede autorização para a retirada de “alguns objetos pessoais deixados no Castelo d’Eu e que ela decidiu recuperar”. Entre roupas de cama, garrafas de cidra e de vinho, além de uma coleção de “madeiras exóticas do Brasil”, nada se informa sobre a dita fotografia.¹¹⁴ No inventário produzido em 1964, quando a propriedade foi definitivamente adquirida para a cidade d’Eu, reitera-se o silêncio sobre a obra.¹¹⁵

Após a transferência da Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II para o Brasil e a venda do castelo d’Eu na década de 1960, parte dos objetos artísticos e históricos, bem como dos volumes da antiga biblioteca — todos ligados ao passado imperial — foram repatriados ao Brasil a partir de 1968¹¹⁶ e

¹⁰⁹ DUFESTEL, Xavier. L’exil de la famille impériale du Brésil au Château d’Eu, p. 11-18 *In: Lé Brésil Impérial dans les collections du Château d’Eu*. Dieppe: Association des Amis du Musée Louis-Philippe du Château d’Eu, 2003.

¹¹⁰ BOISSON, Louis, prefeito de Treport. [Ofício] Destinatário: Pierre Allard, prefeito d’Eu. Tréport, 28 dez. 1961. Cota R 1909 Château – Acquisition – Association du château. Archives Communales d’Eu, Eu, Normandia. No original: “[...] de ses dépendances, de son mobilier, de ses collections et de la bibliothèque”.

¹¹¹ OFÍCIO endereçado por Etienne Bonnard, advogado na Corte de Paris, a M. Chaussade, prefeito de la Seine Maritime. 22 dez. 1961. Cota R 1909 Château – Acquisition – Association du château. Archives Communales d’Eu, Eu, Normandia.

¹¹² CAUCHOIS, Pierre, da secretaria do Conde de Paris. [Ofício] Destinatário: Pierre Allard, prefeito da cidade d’Eu, 23 out. 1962. Cota R 1909 Château – Acquisition – Association du château. Archives Communales d’Eu, Eu, Normandia.

¹¹³ Isabel d’Orléans e Bragança (1911-2003), ou “D. Isabel”, nascida no castelo d’Eu, era uma das filhas do primogênito da princesa Isabel, d. Pedro, príncipe do Grão-Pará. Em 1931, casa-se com Henri d’Orléans, o conde de Paris. Parte das memórias vividas no interior do castelo d’Eu estão relatadas em: ORLÉANS E BRAGANÇA, Isabel. Condessa de Paris. **De todo o coração**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983 [1978].

¹¹⁴ OFÍCIO, *op. cit.*, 23 out. 1962.

¹¹⁵ INVENTÁRIO do castelo d’Eu, 4 maio 1964. Archives Historiques, Musée Louis-Philippe, Eu, Normandia, França.

¹¹⁶ LIMA JUNIOR, *op. cit.*, 2022a; *idem*. O Império em mal estado: o frágil retorno das pinturas históricas ao Brasil. *In: CASTRO, Vera Marisa Pugliese; VERAS, Eduardo Ferreira; REINALDIM, Ivair Junior; KERN, Daniela Pinheiro Machado; SILVA, Fernanda Pequeno da; IPANEMA, Rogéria Moreira de (org.)*. ENCONTRO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 42, 2022. **Anais do 42º Encontro... Futuros da História da Arte**: 50 anos do CBHA. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023b.

integrados ao acervo do Museu Imperial, em Petrópolis (RJ),¹¹⁷ e ao Palácio do Itamaraty, em Brasília.¹¹⁸ Coube a Guilherme Figueiredo, adido cultural do Brasil na França e homem de confiança de Chateaubriand, as negociações junto a *Monsieur* Bonnard, representante da Sociedade, para o retorno dos “objetos relativos à história do Brasil e que se encontravam no Castelo d’Eu [e que] foram excluídos da venda e destinados, conforme a vontade do Sr. Assis Chateaubriand, ao Museu da Cidade de Petrópolis”.¹¹⁹ A fotografia, como se sabe, não estava inventariada entre os quadros, retratos, mobílias e objetos variados — em um total de 19 peças — repatriados da França para o Brasil e doados por Assis Chateaubriand ao Museu Imperial, em Petrópolis, e que formariam a “Coleção Sociedade de Estudos Brasileiros Históricos de D. Pedro II” dentro da instituição.

A fotografia de Barros Araújo sobreviveu a uma espécie de espoliação do castelo, do qual nos relata Guilherme Figueiredo, o que impactou na dispersão de inúmeros objetos que compunham a antiga propriedade da família imperial no exílio:

Quando cheguei vi logo que o castelo tinha sido lentamente pilhado: pelo Département de la Seine Maritime, que o comprara de Chateaubriand; pelos emissários de Chateaubriand que regressavam sempre com uma lembrancinha, um livro da biblioteca da Princesa Isabel, uma louça, uns restos de tudo o que o Conde de Paris não quis levar por ocasião da venda.¹²⁰

O próprio prefeito Pierre Allard, em carta a Guilherme Figueiredo, após as tratativas sobre a saída dos objetos, confidenciaria: “desejo que os laços entre a Cidade de Eu e o Brasil permaneçam sempre muito vivos. Gostaria até que uma ou duas salas do Castelo de Eu fossem permanentemente dedicadas ao Brasil”.¹²¹ Vale observar que, mesmo antes da conversão do castelo em Musée Louis-Philippe (1973), pelo seu vínculo com a história do Brasil e da França, já era lugar de visitação para brasileiros e turistas em geral que passavam por aquela região da Normandia. Essa questão foi

¹¹⁷ NAVEGAÇÃO por coleção. **Museu Imperial**, c. 2002-2012. Disponível em: https://dami.museuimperial.museus.gov.br/browse?rpp=20&sort_by=-1&type=collection&offset=20&etal=-1&order=ASC. Acesso em: 4 abr. 2025. Vide, ainda: LIMA JUNIOR, *op. cit.*, 2023a.

¹¹⁸ LIMA JUNIOR, Carlos. “A Sagração e Coroação de D. Pedro I”, de Jean-Baptiste Debret. Sobre a trajetória de uma pintura histórica. **Almanack** (Unifesp), Guarulhos, n. 29, ed. 00421, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-463329edo0421>. Acesso em: 28 abr. 2025.

¹¹⁹ BONNARD, P. [Ofício] Destinatário: P. Allard, [s. d.] [possivelmente datado de janeiro de 1968]. Cota R 1909 Château – Acquisition – Association du château. Archives Communales d’Eu, Eu, Normandia. No original: “[...] les objets relatifs à l’histoire du Brésil et se trouvant au Château d’Eu étaient exclus de la vente et destinés, suivant la volonté de Monsieur Assis Chateaubriand, au Musée [sic.] de la Ville de Petrópolis”.

¹²⁰ FIGUEIREDO, Guilherme. **14 Rue de Tilsitt, Paris**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 138-139.

¹²¹ ALLARD, Pierre. [Correspondência] Destinatário: Guilherme de Figueiredo, Eu, 4 jan. 1968, p. 2. Cota R 1909 Château – Acquisition – Association du château. Archives Communales d’Eu, Eu, Normandia. No original: “Je souhaite que les liens entre la Ville d’Eu et le Brésil soient toujours très vivants. Je voudrais même qu’une ou deux salles du Château d’Eu soient, permanences, consacrées au Brésil”.

relatada pelo diplomata Caio de Melo Franco a seu pai, também ligado ao Ministério das Relações Exteriores, Afrânio de Melo e Franco, durante a sua estadia no castelo, possivelmente na década de 1930:

O dia inteiro é uma verdadeira romaria de turistas no Castello. E o porteiro lá vae gritando e explicando: Sa Magesté l'Empereur du Brésil... La Princesse... La Grande Demoiselle... Louis Felipe [sic.]... chambre de Sa Magesté La Reine d'Anglaterre... Mas o que se houve mais falar é mesmo no Brasil. [...] do arquivo onde fico, ouço o desfilar dos turistas e a voz gritando. Que propaganda constante para o Brasil. Propaganda gratuita... como diz o [Alberto] Rangel. Manda a justiça dizer que Dom Pedro mantem tudo muito bem.¹²²

As visitas turísticas se prolongariam, inclusive, quando da aquisição do castelo por Chateaubriand, ou mesmo pela cidade d'Eu, com o número chegando a 12 mil pessoas anuais, conforme um documento de 1959,¹²³ e quase 20 mil, em 1964.¹²⁴ Essa questão da abertura da residência para o turismo leva-nos a pensar se a fotografia não esteve disposta em um dos cantos do castelo para acionar essa lembrança da relação dos antigos proprietários com o Brasil. Quem sabe, ainda, a fotografia não estivesse entre os “restos de tudo”, daquilo que o esposo da condessa de Paris “não quis levar por ocasião da venda”, a qual alude Figueiredo. Seja como for, em outubro de 1973 foi finalmente aberto ao público o *Musée Louis-Philippe du Château d'Eu*, cuja idealização datava já de inícios da década de 1960, e para o qual reuniram uma série de coleções relacionadas ao rei e sua relação com a cidade de Eu. Entre as peças que constituíam a instituição, estavam “algumas coleções deixadas no Castelo d'Eu pelos diferentes príncipes de Orléans que ali se sucederam¹²⁵”. Vale o questionamento: a fotografia produzida por Barros Araújo em 1888, ofertada à princesa e até hoje deixada no castelo/ Museu, estaria entre essas obras que compunham a “coleção do Brasil”?

¹²² MELO FRANCO, Caio de. [Correspondência] Destinatário: Afrânio de Melo Franco. Eu, 15 de agosto de 193[?]. Coleção Melo Franco/Correspondência Familiar. 74,5,2 n. 123. Manuscritos. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Vale observar que Alberto Rangel, mencionado na carta, era também embaixador e foi, ao lado de Miguel Calógeras, um dos responsáveis por organizar o arquivo da Casa Imperial preservado no castelo d'Eu. Vide: RANGEL, Alberto; CALÓGERAS, Miguel (org.). Inventário dos inestimáveis documentos históricos do Arquivo da Casa Imperial do Brasil, no Castelo d'Eu, em França. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro publicados sob a administração do Diretor Rodolfo Garcia**. v. LIV, p. 1-528; v. LV, p. 1-513. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1932 [1939].

¹²³ CONSEIL General de la Seine Maritime. 2^{ème} Session Ordinale de 1959. Séance du 19 octobre 1959. Acquisition du Chateau d'Eu par le Département. Cota R 1909 Château – Acquisition – Association du château. Archives Communales d'Eu, Eu, Normandie.

¹²⁴ RAPPORT du Secetaire General à l'Assemblée Generale Ordinale et Extraordinaire du 6 Novembre 1964. Acquisition du Chateau d'Eu par le Département. Cota R 1909 Château – Acquisition – Association du château. Archives Communales d'Eu, Eu, Normandie, França.

¹²⁵ LABESSE, Paul. **Le Château et la Ville d'Eu**: douze siècles de Célébrités. Eu: Association des Amis du Musée Louis-Philippe du Château d'Eu, 2022, p. 121. No original: “[...] quelques collections laissées au château d'Eu par les différents princes d'Orléans qui s'y sont succédé.”

Algumas hipóteses podem ser aventadas sobre as possíveis razões que levaram à escolha de trazer de volta ao Brasil a fotografia de Antonio Luiz Ferreira (e permanecer na coleção dos descendentes, no caso d. João de Orléans e Bragança) e deixar no castelo àquela de Barros Araújo. Quem sabe, ainda, tal decisão esteja relacionada ao partido tomado por cada fotógrafo, já que, enquanto a primeira foto possibilitava centrar nas personalidades e no casal imperial, a segunda, por sua vez, destacava o caráter popular do evento, sem individualizar os personagens tidos por principais na missa de ação de graças.¹²⁶

Diante de tantos silêncios e indagações, interessa-nos o relato de Guilherme Figueiredo em sua coluna “Um dia depois do outro”, na folha carioca *O Jornal*. O adido cultural do Brasil na França detalha os pormenores da busca dos objetos do castelo em 1968, e que pode deixar indícios para se compreender como a fotografia ficou preservada na propriedade, a despeito das investidas de Figueiredo junto ao poder político da cidade de Eu para a repatriação dos objetos históricos brasileiros por lá existentes:

Fiz umas oito viagens ao Castelo d’Eu. [...] Da primeira vez que lá fui [...] Maitre Allard nos fêz as honras do “tour du propriétaire”, passando-nos pelas salas do andar térreo, onde se depositavam quadros e fotografias de membros da família imperial, flechas de índios e, na grande sala do andar superior, onde se encontra o original da “Coroação de Pedro I”, por Debret [...].

Na segunda visita ao Castelo d’Eu, membros da Comissão des Beaux Arts da cidade quiseram contestar que os livros integrassem os “objetos históricos brasileiros”. Os próprios guardiães do Castelo não se mostravam favoráveis à ideia da retirada dos objetos e livros: sem eles, assim diziam, o Castelo d’Eu perderia o seu maior encanto, a evidência duma surpreendente história para os turistas francêss, a história de haver residido ali uma família imperial brasileira ligada à França. [...] O prefeito Allard apoiou a minha interpretação de que seriam “objetos históricos”, isto é, todos que pudessem ser identificado [sic] como brasileiros, originariamente pertencentes à princesa Isabel e à família imperial, inclusive os livros. [...]

Onde andariam as paisagens brasileiras, a que se referia Nehemias Gueiros no inventário de 1962? E as telas que a princesa Isabel pintava? E a cadeira de rodas em que se sentava, depois que lhe adveio a paralisia? As sombras do castelo tinham sido muitas, desde que se desfez a sociedade criada por Assis Chateaubriand.

[...] Duas destas [fotografias], da princesa e do conde d’Eu, lá ficaram, por súplica dos guardiães, assim como a coleção de objetos indígenas que faz o encanto dos escolares da cidade. E ficou o grande quadro de Debret que impõe problemas e consideráveis despesas de restauração e retirada.

Li nos olhos dos guardiães a tristeza que sentiam, quando o caminhão arrancou, levando as sombras do castelo d’Eu. Um deles me falou — O Senhor nos despojou de todas as nossas relíquias.¹²⁷

¹²⁶ Agradeço ao parecerista pelo comentário.

¹²⁷ FIGUEIREDO, Guilherme. Um dia depois do outro... *O Jornal* 2º Caderno, Rio de Janeiro, n. 14328, 14 jun. 1968, p. 1. Hemeroteca Digital. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/110523_06/65288. Acesso em: 4 abr. 2025.

Diferente, no entanto, foi a trajetória da fotografia de Antonio Luiz Ferreira que retornou ao Brasil, restando preservada na coleção particular de Dom João de Orléans e Bragança¹²⁸ e acervada, desde 2007, em comodato, no Instituto Moreira Salles (IMS). Sabe-se que outra parte substancial do acervo fotográfico da família imperial, até então preservado no exílio, permaneceu com a neta da princesa Isabel, d. Thereza Maria de Orléans e Bragança, e divulgada posteriormente, graças à importante publicação em 2008 de Pedro e Bia Corrêa do Lago.¹²⁹ A fotografia de Luiz Ferreira ganhou ainda uma página no portal da Brasileira Fotográfica Digital da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), lançado em 2015, que fez parte da identificação dos personagens que estiveram presentes na missa, e convidava o público a colaborar na identificação de outras pessoas que compareceram na celebração religiosa.¹³⁰ Coube destaque o reconhecimento do escritor Machado de Assis próximo do palanque da princesa.¹³¹ A foto está ainda disponibilizada na plataforma digital do acervo do Instituto Moreira Salles (IMS)¹³², e integrou uma exposição em 2007 no próprio Instituto, quando foi reproduzida, em páginas duplas, em seu catálogo. Frequentemente é reproduzida em obras dedicadas ao tema da Abolição.¹³³

A historiadora Iara Lis Franco Schiavinatto, ao indagar as lógicas de acervamentos em arquivos fotográficos, destaca que é “incontornável reconhecer que a cultura digital é pletora de culturas de memória”.¹³⁴ Nesse sentido, como bem problematiza a autora, na dinâmica dos arquivos — antes de lugares estanques e neutros¹³⁵ — há sempre uma intensa mecânica de fluxos que redefinem os acervos,

¹²⁸ Vide: BURGI, ORLÉANS E BRAGANÇA, *op. cit.*, p. 5. Para essa coleção, vide: Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/search?filtersStateId=5>. Acesso em: 4 abr. 2025.

¹²⁹ A coleção, com cerca de mil e cem imagens brasileiras, foi identificada em 2006 por Bia e Pedro Corrêa do Lago. De acordo com a autora e o autor: “Com a morte da Princesa Isabel e do Conde d’Eu, o baú fora herdado por seu filho mais velho, D. Pedro de Alcântara de Orléans e Bragança, casado com D. Elisabeth, que viveram no Castelo d’Eu até voltarem ao Brasil nos anos 1930, uma década após ser abolida a Lei do Exílio. O baú provavelmente permaneceu entre os muitos pertencentes da Família Imperial conservados no castelo e distribuídos mais tarde entre os descendentes de D. Pedro e D. Elisabeth”. Cf.: LAGO, LAGO, *op. cit.*, 2013, p. 13.

¹³⁰ “A Brasileira Fotográfica convida os leitores a participar do desafio de identifica outras personalidades presentes na foto da solenidade. Abaixo, destacamos na foto e em sua silhueta o grupo em torno da princesa Isabel (1) e do conde D’Eu (2). Machado de Assis é o número 5. Possivelmente o número 7 é José do Patrocínio, atrás de um estandarte e segurando a mão de seu filho, então com três anos. Quem serão os outros?”. Cf.: WANDERLEY, *op. cit.*

¹³¹ “A pesquisadora e editora assistente da Brasileira Fotográfica, Andrea Wanderley, identificou a presença de Machado de Assis na fotografia da Missa Campal de Ação de Graças pela Abolição da Escravatura realizada no dia 17 de maio de 1888, no Campo de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. O autor da foto foi Antonio Luiz Ferreira.” *Ibidem*.

¹³² Conforme informado na página do IMS, a imagem de Luiz Ferreira está em domínio público e com download liberado, o que facilita a sua ampla utilização. P005DJ0749. FERREIRA, Antonio. **Missa campal celebrada em ação de graças pela Abolição da escravatura no Brasil**. Campo de São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1888/05/17, Antonio Luiz Ferreira/Coleção Dom João de Orléans e Bragança/Acervo Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/16564>. Acesso em: 16 mar. 2025.

¹³³ Como na capa do livro de MORAIS, *op. cit.*, 2023.

¹³⁴ SCHIAVINATTO, Iara Lis. Figurações do passado em ação: acervamentos fotográficos na família Ferrez. **Acervo**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 1–33, 2023, p. 3. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/2011>. Acesso em: 4 abr. 2025.

¹³⁵ A respeito dessa discussão, vide, entre outros: CARAFFA, Costanza. El archivo fotográfico como laboratorio. *Historia del arte, fotografía y materialidad*. **TAREA**, n. 6, p. 116-137, 2020, p. 20.

seja na transferência permanente de dados, seja na reciclagem da informação, ou ainda, “na reelaboração contemporânea da noção de memória arquivística e seus usos”.¹³⁶ Deste modo, podemos assim indagar os mecanismos que possibilitaram uma maior difusão da fotografia de Luiz Ferreira, tornada a imagem icônica da missa campal, em contraposição àquela produzida por Barros Araújo, que permaneceu adormecida na reserva técnica do museu francês, entre as poucas fotografias lá deixadas pelos antigos moradores e que permitem recordar que o castelo, no passado, foi morada dos Orléans e Bragança; lembranças de um Império no exílio.

O exercício com este texto foi o de reenquadrar a fotografia de Antonio de Barros Araújo como documento histórico, inquerido a partir do “nosso olhar intrigante”, para retomarmos as formulações de Ana Mauad, no início do artigo. Espera-se que, a partir de então, ela deixe de ser só mais uma foto esquecida no baú da “Redentora”, no interior de seu antigo castelo na França, e passe a ser questionada sobre as maneiras pelas quais pretendeu ser um testemunho visual do pós-abolição. Com a sua (re)descoberta, certamente, ela passa a integrar o imaginário do fim da escravidão no Brasil, nos embates de narrativas e de tantas memórias, inclusive visuais, que o cercam - dos inúmeros limites e incompletudes do “13 de maio de 1888”.¹³⁷ Até porque, apesar da missa que a fotografia de Barros Araújo buscou registrar e perpetuar em imagem, é sempre importante frisar que “a liberdade não veio dos céus, nem das mãos de Isabel”.¹³⁸

¹³⁶ *Ibidem*.

¹³⁷ Vide, entre outros: MENESES, Hélio. O avesso do mesmo lugar: artes, negritude e os caminhos do 13 ao 20. In: **Do 13 ao 20**: (re)existência do povo negro. São Paulo: SESC, jul.-ago. 2019; DOMINGUES, Petrônio. “A redenção de nossa raça”: as comemorações da abolição da escravatura no Brasil. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 62, p. 19-48, 2011; ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna. É chegada “a ocasião da negrada bumbar: comemorações da Abolição, música e política na Primeira República. **Varia História**. Belo Horizonte, v. 27, n. 45, p. 97-120, 2011; SANTOS, Micênio. **13 de Maio, 20 de Novembro**: uma descrição da construção de símbolos nacionais e raciais. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991; MAGALHÃES, Aline Montenegro. Da diáspora africana no Museu Histórico Nacional: um estudo sobre as exposições entre 1980 e 2020. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 30, p. 1–29, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/195824>. Acesso em: 17 abr. 2025; FRAGA, Walter. Pós-Abolição; o dia seguinte. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; GOMES, Flávio. **Dicionário da Escravidão e Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Conferir, ainda, o importante projeto *Passados presentes*: Memória da Escravidão no Brasil, liderado pelas pesquisadoras Hebe Mattos, Keila Grinberg e Martha Abreu. Disponível em <http://passadospresentes.com.br/site/Site/index.php> Acesso em: 3 abr. 2025. Além da intensa produção das/dos pesquisadoras/es ligadas/os ao grupo de trabalho *Emancipações e Pós-Abolição ANPUH*, disponível em <https://anpuh.org.br/index.php/quem-somos/grupos-de-trabalho/atividades/item/300-gt-emancipacoes-e-pos-abolicao> . Acesso em: 10 de jan. 2025, e do *Portal Geledés/ Rede de Historiadoras Negras e Historiadores Negros*, disponível em <https://www.geledes.org.br/tag/rede-de-historiadoras-negras-e-historiadores-negros/> Acesso em: 10 de jan. 2025.

¹³⁸ DOMENICO, Deivid *et al.* **Histórias para ninar gente grande**. Samba-Enredo. GRES Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro: 2019.